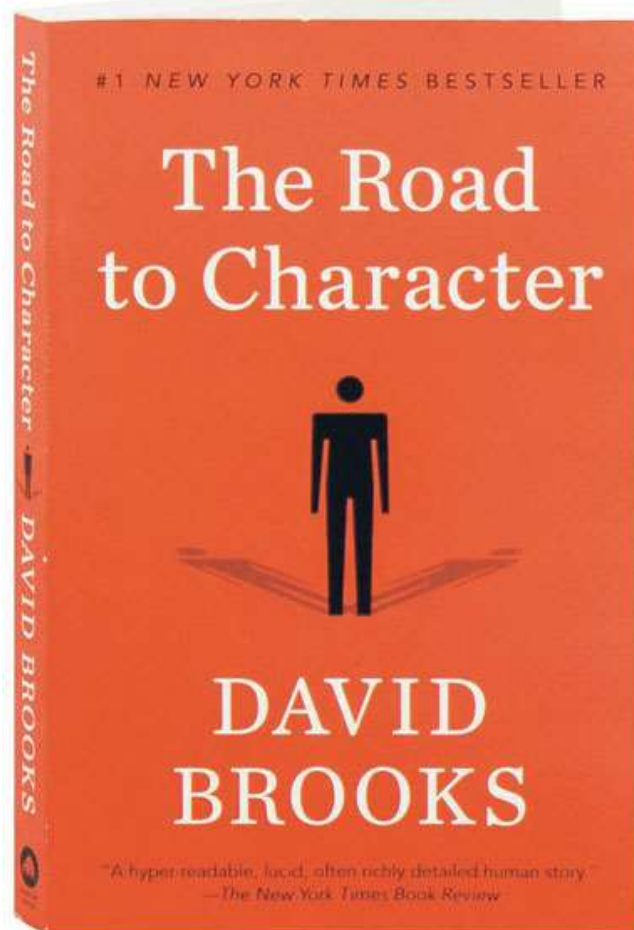


PODSUMÁRIO #24

O caminho para o Caráter

Por que a abnegação leva ao sucesso.



PODSUMÁRIO #24



O Autor

David Brooks

David Brooks é um autor conservador, colunista do The New York Times, editor sênior da The Weekly Standard e editor contribuinte da Newsweek e Atlantic Monthly. É autor de diversos livros sobre a cultura americana. Neste livro ele usa dados recolhidos de pesquisas e trabalhos na área da psicologia, dizendo que as pessoas estão mais isoladas, egoístas e menos capazes de mergulhar

no raciocínio moral que as gerações anteriores.

Quem me conhece, sabe que este livro seria irresistível, não é?



Meu pitaco. Este foi um sumário bem difícil de fazer, pois se eu seguisse o caminho tradicional, colocando quase que apenas os conceitos, perderia a alma do livro que é trazer um pouco da biografia de personagens para, através de suas histórias, tratar de atributos importantes para a construção do caráter. Por isso optei por sumarizar

tanto a biografia quanto os atributos e aí o bicho ficou grande. Melhor dividir.

Outro aspecto: quem me segue sabe que não sou propriamente um sujeito religioso. Não tenho nada contra quem tem religião e segue seus preceitos morais, na verdade eu acredito que é por causa das religiões que a humanidade ainda não se exterminou. Respeito-as, embora não siga os rituais e procedimentos de nenhuma. Neste livro, em várias biografias, é possível verificar como a presença de Deus serviu para dar o norte para muitas figuras. Não fiz julgamento de valor, apenas reproduzi as ideias tentando não deixar o texto carola ou irônico. É preciso calçar os sapatos dos biografados para entender o que se passou em suas cabeças. É preciso ler respeitando as escolhas dos

personagens e compreender como suas opções religiosas os ajudaram a estabelecer uma trilha moral.

Mais um aspecto: o autor não faz juízo de valor sobre as personalidades que analisa. Vários exemplos mostram ativistas que abraçaram doutrinas como o marxismo e o socialismo, sem qualquer avaliação sobre o mérito dessas doutrinas. O autor está interessando naquilo que move as pessoas para fazer acontecer.

Na maior parte do livro o autor apresenta histórias reais, que ele chama de “contos morais”, sobre figuras históricas que o autor considera que desenvolveram fortes atributos de caráter, como humildade, autodisciplina e realismo moral. O autor considera que o caminho para

desenvolver um caráter positivo é mergulhar conscientemente na luta entre nossos vícios e virtudes, na direção de viver uma vida moral.

De novo... não parece coisa velha? Nesta altura do Podsumário os progressistas com cedilha já debandaram. Mas vamos adiante.

A cultura moderna parece ter perdido a capacidade de ensinar às novas gerações o caminho para edificar vidas interiores ricas, marcadas pela humildade e pela profundidade moral. Aliás, só esse primeiro parágrafo já parece ter cheiro de naftalina, não é? De coisa velha, de coisa de conservador reacionário...

O autor inicia explicando a diferença entre as virtudes do currículo e as virtudes eulógicas.

Meu pitaco. O autor fala em “résumé virtues”, as virtudes do currículo, que compreendem as habilidades profissionais que nos ajudam a ter sucesso na carreira. E em seguida ele fala de “eulogy virtues”, que são aquelas coisas que farão com que sejamos lembrados. Eu tive de ir atrás do termo “eulogia”, que vem do grego eulogeo e pode ser traduzido como “uma benção”. É uma fala benevolente, respeitosa e prudente. Pode ser um discurso fúnebre onde se exaltam as qualidades do morto. Portanto, virtudes eulógicas seriam aquelas que farão com que sejamos lembrados não

por nossas habilidades técnicas, mas pelo impacto moral que causamos nos outros.

Cara, isso caiu como uma luva na minha palestra gente nutritiva, na qual trato exatamente das coisas que nos tornam diferentes dos outros, que vão além do que se aprende na escola ou das habilidades técnicas. Com este livro aprendi que eu tratava das virtudes eulógicas.

As virtudes eulógicas são as que estão na raiz de nosso ser e que têm a ver com os relacionamentos que formamos. Nosso sistema educacional é orientado para as virtudes do currículo mais do que para as virtudes eulógicas. Assim também são as conversas públicas, os livros de não

ficção e as dicas de autoajuda nas revistas.

A maioria de nós tem estratégias claras sobre como atingir o sucesso na carreira, mas não sobre como desenvolver um caráter invejável.

Esses tipos diferentes de virtudes também podem ser compreendidos pela metáfora dos lados opostos da natureza humana, representados por Adão 1 e Adão 2.

Adão 1 busca a validação externa através do sucesso na carreira e das conquistas materiais. Quer construir, criar, produzir e descobrir coisas.

O Adão 2 é motivado por virtudes morais superiores, como ser reconhecido como uma boa pessoa, amorosa e que se sacrifica pelos outros.

Enquanto Adão 1 quer conquistar o mundo, Adão 2 quer obedecer a um chamado para servir o mundo.

Esses dois impulsionadores estão sempre em conflito em nossas mentes, pois têm diferentes lógicas: Adão 1 encarna a racionalidade econômica, enquanto Adão 2 exemplifica a lógica da moralidade.

Nossa cultura tem a tendência de valorizar mais Adão 1, o da racionalidade econômica, do que Adão 2, da lógica da moralidade, por conta das pressões da competição, dos ruídos da comunicação e do foco utilitário da sociedade de consumo. O autor então diz que se deixarmos que Adão 1 tome conta de nossa natureza, perderemos de vista os

grandes significados da vida. Alguém que valorize apenas Adão 1 tem uma falha de caráter.

Meu pitaco: não tem como não fazer os paralelos... Estou escrevendo este Podsumário ainda impactado com a tragédia de Brumadinho, quando uma barragem da Vale caiu, matando mais de 300 pessoas e causando uma tragédia sem precedentes em Minas Gerais. Depois da tragédia, uma grande discussão tomou conta do país sobre as responsabilidades da Vale, uma empresa de ponta, respeitada no mundo todo e que adota os mais avançados processos tecnológicos para segurança. Mas que parece que não funcionam a contento. A razão? Para mim é clara: os indicadores de

segurança não estão em primeiro plano. Adão 1 é mais importante que Adão 2... Parece uma explicação simplória, não é? E é. O problema não está nos processos, na capacidade da Vale, nos investimentos, na capacitação dos técnicos.

O problema é a hierarquia de valores.



CAPÍTULO 1 – A MUDANÇA

O autor inicia o capítulo relatando duas situações muito específicas de vitória: um programa especial de rádio sobre a vitória dos aliados no Dia D, que representou a vitória na Segunda Guerra mundial e a

comemoração de um ponto marcado por um jogador de futebol americano.

O autor ouviu aquele programa de rádio numa emissora que transmitia programas antigos. Era a reprodução de um programa real, que foi ao ar em 1945, e o autor comenta que mesmo tratando da vitória dos Estados Unidos na guerra, o programa foi humilde e profundamente respeitoso, sem gente batendo no peito nem grandes arroubos de ufanismo. A II Guerra havia provocado rios de sangue e a postura dos artistas que participaram do programa foi de reflexão e de constantemente lembrar que eles não eram moralmente superiores a ninguém. Especialmente porque a II Guerra terminou com uma bomba atômica, explicitando a capacidade que o ser

humano tem para destruir a seus semelhantes.

Ao chegar em casa, o autor foi assistir a um jogo de futebol americano na televisão e viu um ponto marcado por um jogador, seguido da dancinha de sempre, gritos de “eu sou foda” e manifestações de comigo ninguém pode. A comemoração do ponto marcado no futebol foi maior, mais escandalosa do que a comemoração pela vitória na II Guerra.

O autor usa esses momentos tão contrastantes, separados por 70 anos, para sugerir que uma mudança cultural aconteceu nos Estados Unidos. De um comportamento que incentivava a

contrição, a discrição, para outro onde o auto engrandecimento é a norma.

A princípio, esse argumento parece baseado em nostalgia, mas o autor mostra dados para dar suporte à sua conclusão. Em 1950 uma pesquisa do Instituto Gallup com alunos mais velhos nos colégios norte-americanos, perguntou se eles achavam que eram muito importantes. Apenas 12% disseram que sim. A mesma pergunta em 2005 deu sim em 80% das respostas.

Os psicólogos têm um teste chamado “teste de narcisismo”, no qual leem para as pessoas algumas afirmações e pedem que elas digam se isso se aplica a elas. Afirmações como “Eu gosto de ser o

centro das atenções... Eu me exponho sempre que tenho uma chance, porque sou extraordinário... Alguém deveria escrever uma biografia sobre mim.” A nota média desse teste cresceu 30 por cento nos últimos vinte anos. O maior aumento foi no número de pessoas que concordou com a afirmação “Eu sou uma pessoa extraordinária” e “Eu gosto de observar meu corpo.”

O desejo por fama também cresceu drasticamente, especialmente entre os jovens. Na cultura popular as mensagens também mudaram, de cartuns a sermões: você é especial, confie em você mesmo, seja verdadeiro consigo! Filmes da Pixar e da Disney constantemente dizem às crianças como elas são maravilhosas: siga suas paixões, não aceite limites,

defina seu próprio curso, você tem a responsabilidade de fazer grandes coisas, pois você é grande! O autor chama isso tudo de “evangelho da autoverdade”.

Meu pitaco. Esse fenômeno deve ser mundial. No Brasil ao menos, é assim também. E o impacto dessa geração de gente que “se acha”, no universo profissional, é imenso. Parece que desapareceu uma certa humildade que era provocada pela ignorância. Algo como: se eu desconheço alguma coisa, deixe-me humildemente buscar aprender antes de dar minha opinião. Hoje a coisa mudou. Aquilo que eu ignoro, não existe. E isso vai de regras básicas de etiqueta a processos complexos, especialmente aqueles que envolvem liderança e interação

entre seres humanos. O resultado é uma sociedade que ganhou em quantidade e perdeu em qualidade, especialmente nos processos de tomada de decisão.

O autor argumenta que a humildade é uma qualidade pouco promovida na cultura de hoje. Para ele, humildade é sobre manter-se consciente de suas limitações de conhecimento, que anda de mãos dadas com a sabedoria verdadeira. A percepção de nossas fraquezas permite que os sensatos e humildes se empenhem na luta interna para viver uma vida moral. Pessoas humildes são realistas morais conscientes de suas falhas e empenhadas em superá-las. O caráter para essas pessoas é algo construído como resultado desse

processo de autorreflexão e da prática de viver conforme padrões morais.

O autor então apresenta a ideia da Curva em U. Ele sugere que as pessoas com forte caráter têm em comum o fato de terem caído e depois levantado em momentos de grandes desafios morais em suas vidas. Desceram ao vale da humildade para poder escalar as alturas do caráter. Essas pessoas tendem a sair desses momentos de luta moral com um forte senso de autorrespeito e autoconfiança. Elas tiveram de exercitar a humildade para saírem transformadas. Alice teve de diminuir de tamanho para entrar no País das Maravilhas.

E é aí que a beleza aparece: no vale da humildade elas aprenderam a aquietar seus egos. Só assim conseguiram ver o mundo claramente, entendendo outras pessoas e aceitando o que elas tinham a oferecer.

E o autor produz um trecho que é quase poético: “Quando essas pessoas aquietaram seus egos, abriram espaço para que a bondade – que o autor chama de graça – entrasse. Se viram ajudadas por pessoas das quais elas jamais esperaram ajuda. Viram-se compreendidas e apreciadas por outras pessoas, de formas que elas jamais imaginaram. Descobriram-se amadas de formas que achavam que não mereciam. Não se desequilibraram, pois outras mãos

que não as próprias, as seguraram com firmeza”.

Meu pitaco. Eu vi pessoas assim ao longo da vida. Gente que subiu rapidamente, tornou-se egoísta, metida, achando-se mais que os outros. E depois caiu. Tive um conhecido, empreendedor, que conseguiu enriquecer em pouco tempo e rapidamente. Mas ele não tinha o estofo moral onde embasar seu sucesso, era tudo pra ele, e se precisasse, pisava mesmo. Por onde passava deixava uma má impressão, mas tinha tanto dinheiro que comprava o respeito. Até que numa das crises, perdeu o controle da empresa e precisou recorrer humildemente a fornecedores nos quais pisou a vida

inteira. E tudo que encontrou foi má vontade. Recebeu ajuda, mas o suficiente para que quem o ajudava não tivesse prejuízo. Aquele “algo mais” que não vem da análise racional dos números, mas do afeto e do respeito, ele não conseguiu. E ele precisava do algo mais para a volta por cima. Caiu feio, perdeu tudo, passou a andar de carro emprestado, a morar num micro apartamento, a reconstruir a vida. Tempos depois encontrei com ele, era outra pessoa. Até a forma de interagir com as pessoas mudou. Ele passou a olhar os interlocutores nos olhos, não mais como uma ameaça, mas como demonstração de interesse. Nada como uma tragédia para mudar as pessoas.

Pessoas de caráter podem ser quietas ou barulhentas, mas têm um certo nível de autorrespeito, que não é o mesmo que autoconfiança ou autoestima. Autorrespeito não é baseado em QI ou em qualquer tipo de talento físico ou mental que ajuda você num ambiente competitivo. Autorrespeito não é comparativo. Não é obtido sendo melhor do que outras pessoas ou coisas. É conseguido sendo melhor do que você era antes, sendo confiável nos momentos em que é testado, sendo sério nos momentos de tentação. O autorrespeito é produzido por triunfos internos e não externos, só pode ser conquistado por quem enfrentou tentações internas, suas fraquezas e que sabe que consegue vencer os obstáculos.

A falácia central da vida moderna é a crença de que as conquistas no domínio do Adão I podem produzir profunda

satisfação. Isso é falso. Os desejos do Adão I são infinitos e sempre querem mais, não importa quanto conquistem. Só Adão 2 pode experimentar a satisfação profunda.

Adão I busca a felicidade, Adão II sabe que a felicidade não basta.

Os prazeres definitivos são prazeres morais.

CAPÍTULO 2 – O CHAMADO



Neste capítulo o autor trata do chamado para uma vocação, quase que desafiando o leitor. Ele faz uma descrição

emocionante e assustadora do incêndio da Triangle Shirtwaist Factory, que em 1911 matou 129 mulheres e 23 homens que trabalhavam na fábrica de roupas. A partir do trauma com aquele incêndio, Frances Perkins, que tinha 31 anos de idade e trabalhava na Liga dos Consumidores de Nova Iorque combatendo o trabalho infantil, mergulha numa vida de luta pela defesa dos trabalhadores. O autor usa esse momento de virada na vida de Frances para definir a lição moral desse capítulo: as circunstâncias externas nas quais nos encontramos é onde podemos encontrar o propósito de nossas vidas.

Frances Perkins nasceu numa família tradicional e mudou seu destino ao entregar-se às causas dos

desamparados. Quando criança, em contraste com o que fazemos hoje em dia, seus pais constantemente a confrontaram com suas fraquezas, o que a ajudou a internalizar um certo tipo de austeridade.

Ela estudava no Mount Holyoke College em 1902, período no qual os professores e administradores estavam focados na moralidade e na accountability dos estudantes, para que se comportassem conforme rígidos padrões de conduta.

O autor então contrapõe aquela educação rígida com os tempos atuais. Hoje, os bons professores tendem a olhar para os pontos fortes intelectuais de seus estudantes, para que possam cultivá-los. Antigamente os professores procuravam

os pontos fracos morais dos estudantes, para que pudessem corrigi-los. A professora de latim, por exemplo, percebeu a preguiça de Perkins e foi especialmente rigorosa em suas aulas, obrigando-a a combater esse defeito.

Meu pitaco: o relato que o autor faz de como era a educação no começo do século 20 parece descrever outro planeta. A garotada passava apertado, num ambiente que não abria mão do respeito e da disciplina. Eu peguei um restinho disso em meu tempo de estudante da metade para o final dos anos sessenta. O interessante é que sempre que falo sobre esse assunto com as pessoas que têm mais ou menos a minha idade, ninguém, repito, ninguém reclama de ter sido

enquadrado naquela disciplina rígida. Pelo contrário. Todo mundo diz: ainda bem!

Naqueles mesmos anos sessenta, fui lobinho, dentro do Movimento Escoteiro. Fazia parte de um grupo de crianças que se reunia para desenvolver atividades sociais, pequenas aventuras e assistir aulas sobre temas ligados a valores morais. Éramos divididos em matilhas, cada uma composta de cinco a sete garotos vestindo uniformes azuis, bonés, distintivos e lenços no pescoço. Meu monitor chamava-se Araquém e as reuniões aconteciam aos domingos pela manhã, no pátio de uma escola. Um outro grupo, só de meninas, fazia o mesmo. Eram as Bandeirantes.

O sonho de todo lobinho era virar escoteiro. Os escoteiros eram garotos mais velhos e ser lobinho era uma preparação para ascender ao grupo de elite.

Eu sonhava com o dia em que vestiria aquela farda cáqui, o chapéu igual ao da Polícia Montada do Canadá, o lenço preso por um anel de couro com a flor de lótus dourada. E usaria um bastão! Aquilo era o máximo e me lembro do dia em que fui promovido a escoteiro e recebi o lenço e o chapéu numa cerimônia cheia de protocolos. Cada distintivo, cada detalhe era conquistado após o cumprimento de uma etapa, com provas específicas. Nossa saudação era uma espécie de

***continência com os três dedos juntos:
“Sempre Alerta!”***

***Hoje, lembrando daqueles anos bons
de mais de meio século atrás, se você
me perguntar qual foram os atributos
mais importantes que aprendi, eu digo
sem piscar e cheio de orgulho:***

Respeito e disciplina.

***Que, não por acaso, andam em falta no
mercado, o que explica grande parte do
abismo moral no qual estamos
enfiados.***

Hoje os palestrantes nas formaturas dizem para a garotada que sigam suas paixões, que confiem em seus

sentimentos, que reflitam e encontrem seus propósitos na vida. A suposição por trás desses clichês é que quando você está tentando descobrir como viver sua vida, as respostas estão dentro de você. Quando você é um jovem a caminho da idade adulta, deve reservar um tempo para descobrir a si mesmo, definir o que é realmente importante, quais são suas prioridades, o que desperta suas paixões. Você deve se perguntar, no auge de seus vinte anos de idade, qual é o propósito da vida, o que você quer dela, quais são as coisas que você realmente valoriza, aquelas que não são feitas apenas para impressionar quem está por perto.

É como se a vida pudesse ser organizada como um plano de negócios: faça um inventário de seus talentos e paixões, defina os objetivos e as métricas para verificar se você está acertando, mapeie

uma estratégia para atingir esses objetivos e... pronto! Se você definiu um objetivo realista e executou sua estratégia com flexibilidade, a vida que você quer será vivida.

Esse é um método que começa com o ego e termina com o ego, começa com auto investigação e termina com autorrealização. É uma vida determinada por uma série de escolhas individuais.

Frances Perkins usou um método diferente para encontrar seu propósito na vida, um método que era comum em sua época: em vez de se perguntar o que queria da vida, perguntou o que a vida queria dela. O que as circunstâncias da vida queriam que ela fizesse.

Pela interação com seus mestres, Perkins aprendeu a apreciar a autodisciplina, a reserva emocional e a humildade em relação a suas conquistas. Ela aprendeu a refletir e confrontar suas fraquezas. Depois de pesquisar, Perkins foi trabalhar num serviço social que a colocou em contato com os pobres de Chicago. A intenção daquela organização era fazer com que as mulheres das classes sociais mais altas, encontrassem seu propósito através do serviço aos mais pobres, recuperando um senso de comunidade que muitos achavam que havia sido perdido com a industrialização. Foi ali que Perkins aprendeu a não se sentir superior aos mais pobres e desenvolveu um senso de importância sobre as pesquisas e dados para a compreensão da pobreza urbana.

Naquela organização, as mulheres de classes mais altas serviam como conselheiras, assistentes, oferecendo treinamento em ofícios, cuidado com crianças, orientação financeira, banco de investimentos e aulas de inglês e de artes. O autor afirma que pouco tempo atrás perguntou a uma diretora de uma prestigiada escola como a instituição ensinava as crianças sobre caráter, e ela respondeu sobre quantas horas semanais as crianças dedicavam a trabalho comunitário. Ou seja, perguntada sobre algo interno, ela respondeu com algo externo. Para aquela diretora, se você vai até os pobres e os ajuda, isso faz de você uma boa pessoa.

É assim hoje, muitas pessoas têm intenções morais e altruístas, mas por

falta de vocabulário moral, tendem a converter questões morais em alocação de recursos. Como posso atender a mais pessoas? Como posso ter mais impacto? Ou, pior, como posso usar meu maravilhoso eu para ajudar os que têm menos que eu?

Muitas pessoas saem da escola cheias de energia e vontade de fazer acontecer. Querem mudar o mundo. Por volta dos 30 anos de idade, tornam-se aborrecidas, uma versão cínica de si mesmas. Suas ambições diminuem. Seus egos estão à frente e acima da sociedade.

A educação no tempo de Perkins, colocava o bem da sociedade acima dos egos.

Mais tarde, trabalhando na Liga dos Consumidores em Nova Iorque, Perkins se envolveu numa variedade de projetos relacionados ao trabalho infantil. Ali ela aprendeu as artimanhas da política, inclusive a como se vestir para ser tratada com respeito pelos políticos. A história é saborosa. Um dia, ouviu de um senador a descrição das negociações de bastidores, e de como ele se sentia envergonhado de ter de tomar algumas atitudes, quando ele disse: “Você sabe... todo homem tem uma mãe, não é?” Aquilo foi uma iluminação para Perkins: os homens associam mulheres na política com a maternidade. E 99 por cento dos homens, admiram e respeitam suas mães. “É uma atitude primitiva e primária”, nas palavras da própria Perkins. “E esse é o jeito de conseguir que as coisas aconteçam”. Perkins, que tinha 33 anos e se vestia

conforme a moda da época, passou a se vestir como uma mãe. Roupas sempre escuras, com uma espécie de gravata branca, colar de pérolas e um chapéu. Os jornalistas notaram a mudança e passaram a chama-la de “Mother Perkins”, pela forma como ela liderava senadores sexagenários. Ela suprimiu sua sexualidade, sua feminilidade, até mesmo parte de sua identidade para ganhar a confiança dos velhos homens que a cercavam. Essa é uma tática que hoje, horroriza das mulheres. Ninguém quer suprimir a si mesmo para ter sucesso. Mas nos anos 1920, era necessária.

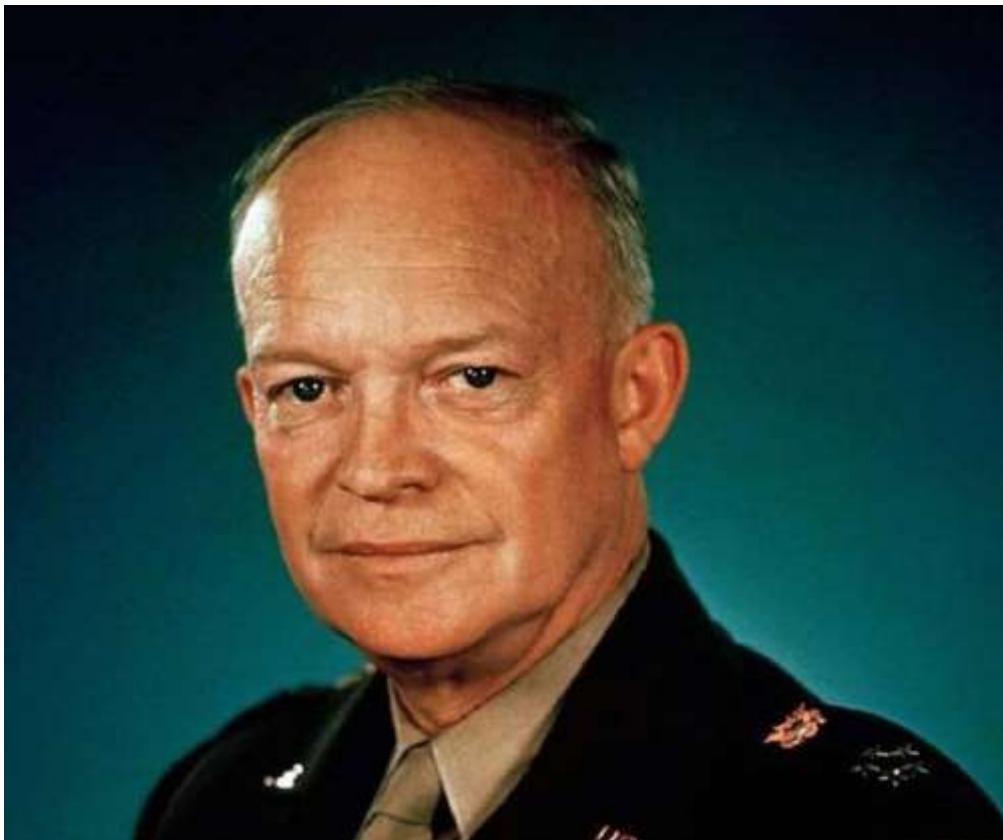
Perkins chegou a Secretaria do trabalho na gestão de Franklin Delano Roosevelt. O autor detalha virtudes de Perkins como

humildade, a competência no trabalho e como ela foi se tornando mais idealista, mais fervorosa por sua causa. O incêndio na Triangle Factory foi o momento em que esses processos deram um salto para outro nível.

O autor detalha diversas passagens na vida de Perkins, que justificam que ela seja tratada como uma grande personalidade por causa de sua boa vontade e habilidade de mergulhar por inteiro em sua chamada vocacional, em vez de nos interesses egoístas ou vaidosos conectados com a busca por uma validação externa. Perkins não escolheu sua vida, ela respondeu a um chamado de uma necessidade exterior.

Quem abraça um chamado não pega uma rota direta para a autorrealização.

CAPÍTULO 3 – A AUTO CONQUISTA



Neste capítulo o autor examina a vida de Dwight Eisenhower para explorar a virtude da autoconquista, começando por falar de

seus pais, Ida e David Eisenhower. Ida ficou órfã aos onze anos e foi enviada para trabalhar como ajudante de cozinha numa casa de família que a abrigou. Apesar da pobreza e da perda familiar tão nova, o autor a descreve como trabalhadora e destemida. Aos 15 anos ela fugiu de casa e se matriculou numa escola, onde obteve boas notas até chegar à universidade, onde conheceu David.

David é descrito como um homem sisudo e difícil, que tomava decisões arriscadas de negócios. Depois de quebrar sua empresa, ele e Ida se mudaram para o Texas onde viveram na pobreza em barracos ao longo de vias férreas. As tragédias e perdas na infância serviram para moldá-los. Os dois eram muito

religiosos e priorizavam a autodisciplina e a sobriedade como estratégias para lidar com as adversidades da vida.

O autor então apresenta o conceito de pecado, que na concepção moderna foi diluído pelo uso sem sentido de uma associação com a luta pelo prazer em vez do tradicional entendimento do termo como a personificação do mal. A maioria das pessoas em suas conversas diárias não fala sobre pecados individuais, e quando fala, esse pecado está localizado nas estruturas da sociedade, na desigualdade, na opressão, no racismo, etc, nunca no indivíduo. O termo “pecado” foi usado de forma abusiva por pessoas que adotaram um tipo de paternidade rigoroso e autoritário, que julgavam que tinham de combater a depravação que

ameaçava seus filhos. O termo foi abusado por gente que, por qualquer razão, transformou o sofrimento num fetiche, acreditou que apenas através da autoflagelação é possível se tornar um ser humano bom e superior.

Meu pitaco: como eu disse na abertura deste PodSumário, apesar do livro o tempo todo namorar com uma pegada religiosa, é possível perceber que o autor tenta tirar o conceito de pecado daquela imagem de Adão comendo a maçã. Não. Ele não trata do pecado como algo religioso, causado pela tentação do diabo. Ele traz a perspectiva do pecado como resultado das escolhas individuais, sempre dentro de um contexto moral. Não jogue a culpa para os outros ou para

entidades inimputáveis. Trate-a como sua. Por isso este capítulo é interessantíssimo.

Na verdade, “pecado”, assim como “vocação” e “alma”,   uma daquelas palavras impossíveis de não serem usadas. E como tantas, precisa ser recuperada e modernizada.

Não importa o quanto tentemos reduzir tudo a rea o es químicas do cérebro ou substituir o conceito do pecado por palavras mais leves como “erro”, “falha” ou “fraqueza”, a parte essencial de nossas vidas é composta de escolhas morais e de responsabilidade individual. Substituir “pecado” por ideias como “erro” ou “falta de sensibilidade”, ou banir termos como

“virtude”, “caráter”, “mal” e “vícios”, não faz a vida menos moral. Apenas faz com que nos autoenganemos.

É preciso retomar o significado original do termo “pecado” e reconhecer seu valor como a palavra que nos lembra que a vida é um esforço moral. O conceito de pecado nos ajuda a lembrar de pessoas com as quais estamos conectados nos pequenos deslizes morais diários.

O pecado é coletivo, o erro é individual.

Para o autor, o conceito de pecado é crítico porque é pela luta diária com o pecado em nossas vidas que construímos o caráter. O pecado não é uma coisa

demoníaca, é apenas nossa tendência a bagunçar as coisas, a favorecer o curto prazo em vez do longo prazo, o inferior em vez do superior. O pecado, quando cometido repetidamente, nos torna leais à mediocridade. E o perigo é que ele se auto alimenta. Pequenos deslizes morais cometidos um dia, tornam mais fácil que outros deslizes, talvez não pequenos, aconteçam no dia seguinte. A pessoa começa a mentir para si mesma e logo perde a capacidade de perceber quando está mentindo. Grandes pecados não surgem do nada, são resultado de uma caminhada. Portanto, a grande vitória para quem busca uma vida justa, não está no sucesso externo, mas na luta contra seus pecados interiores.

Na concepção do autor, por gerações havia uma espécie de ecologia moral, que foi perdida nos tempos modernos.

Voltando aos Eisenhowers, o autor lembra que eles viam o controle dos impulsos internos como uma virtude a ser aprendida e praticada em todas as ocasiões. Para se tornar uma boa pessoa é preciso saber controlar seu comportamento. Foi nesse contexto que nasceu e cresceu o jovem Dwight Eisenhower.

Apesar dos pais religiosos, Dwight não o era, mas reconhecia a religião como algo benéfico para a sociedade. E aprendeu a ser humilde. Durante o período em que esteve sob comando do general McArthur, Dwight desprezava o estilo de liderança

grandioso de seu chefe. Dwight não tinha uma visão romântica da guerra como cenário para surgimento de heróis, mas como uma missão a ser cumprida. Foi essa capacidade de refrear suas emoções que fez Dwight se destacar entre os comandantes durante a II Guerra. Mas o custo dessa retenção das emoções se refletiu em sua vida pessoal e em sua administração.

O que foi um grande diferencial positivo para Dwight, no entanto, entra em total contradição com a noção moderna de que devemos expressar nossas ideias e emoções, e não refreá-las.

Meu pitaco: o que o autor tenta dizer é que Dwight Eisenhower não deixava

que seu animal interior viesse à superfície e se tornasse a marca pela qual seria conhecido. Assim ele podia se adaptar a diversas situações. Eu canso de ver como isso é difícil no dia a dia. Cruzo com executivos em diversas posições nas empresas, que não conseguem refrear suas emoções, praticar a discrição e assim transitar mais tranquilamente pelos contextos. O que se pede hoje em dia é que você deixe sua marca, use uma roupa que só você usa, pinte o cabelo de roxo, apareça, tome conta, ocupe todos os espaços. Cara, como isso é cansativo, especialmente se você não tem a capacidade de ser discreto. Vai virar um chato. E para mim, quem é competente e chato, não é competente.

Por fim, o autor mostra como outro atributo de Eisenhower foi fundamental para a construção de seu caráter: a moderação.

A moderação é uma virtude que nem sempre é bem compreendida. Não é simplesmente permanecer no meio entre duas posições antagônicas. Moderação tem a ver com aceitar que conflitos são inevitáveis. Quem acha que as coisas podem se ajustar suavemente, ou que os valores morais apontam todos para a mesma direção, não precisa ser moderado. Basta seguir na direção da verdade, não é?

A moderação é baseada na ideia de que as coisas não se encaixam suavemente.

A política, por exemplo, é uma competição entre interesses legítimos que se opõem. A filosofia é uma tensão entre meias-verdades que competem.

Eisenhower era impulsionado pela paixão e policiado pelo autocontrole. Nenhum dos dois impulsos era absolutamente negativo ou positivo. A paixão servia para impulsioná-lo em direção à justiça, mas podia deixá-lo cego. O autocontrole podia ajudá-lo a servir e cumprir com suas obrigações, mas podia deixá-lo insensível.

Meu pitaco: Não é bem um exemplo relacionado a questões morais, mas me veio à cabeça agora. Alguns séculos atrás, na Dana, me envolvi até

o pescoço no lançamento de um novo produto. Era o conjunto de coroa e pinhão para os caminhões Mercedes Benz, produto para o mercado de reposição, que era atendido por um grande concorrente. Eu era o cara do marketing e queria a todo custo que nossos produtos fossem diversificados. O produto era uma peça bem pesada, que era distribuída pelo concorrente numa embalagem de isopor que poucas possibilidades dava para um trabalho gráfico na embalagem. Fui para cima do problema, chamei fornecedores e parti para desenvolver uma caixa de papelão que pudesse ter uma capa bem impressa e colorida. Ficou linda, vistosa. Mas havia o problema do papelão não proteger o produto como o isopor fazia. Fomos desenvolvendo

um sistema de calços, até chegar numa solução que parecia ser a ideal. Fizemos dois ou três protótipos e remetemos o produto para algumas regiões do país, acompanhando o estado da embalagem no destino, para ter certeza que funcionava. E funcionou. Era mais barata, mais leve e mais bonita que a do concorrente. E fizemos o lançamento do produto.



Algumas semanas depois começaram as reclamações. A embalagem não resistia à umidade, não resistia a uma manipulação mais grosseira que aquela dos nossos testes... Resumo da história: pouco tempo depois estávamos com uma embalagem de isopor igual à do concorrente.

Refletindo sobre o que aconteceu, percebi que minha paixão me cegara. Eu estava tão empenhado em implementar a novidade que perdi a moderação. Não fui capaz de aceitar que o problema já havia sido resolvido pelo concorrente, segui em frente mesmo contra as evidências. Perdi tempo, perdi dinheiro, perdi produtividade. Tudo pela paixão que me impulsionou na direção da inovação, mas me deixou cego para as

dificuldades óbvias que se apresentavam.

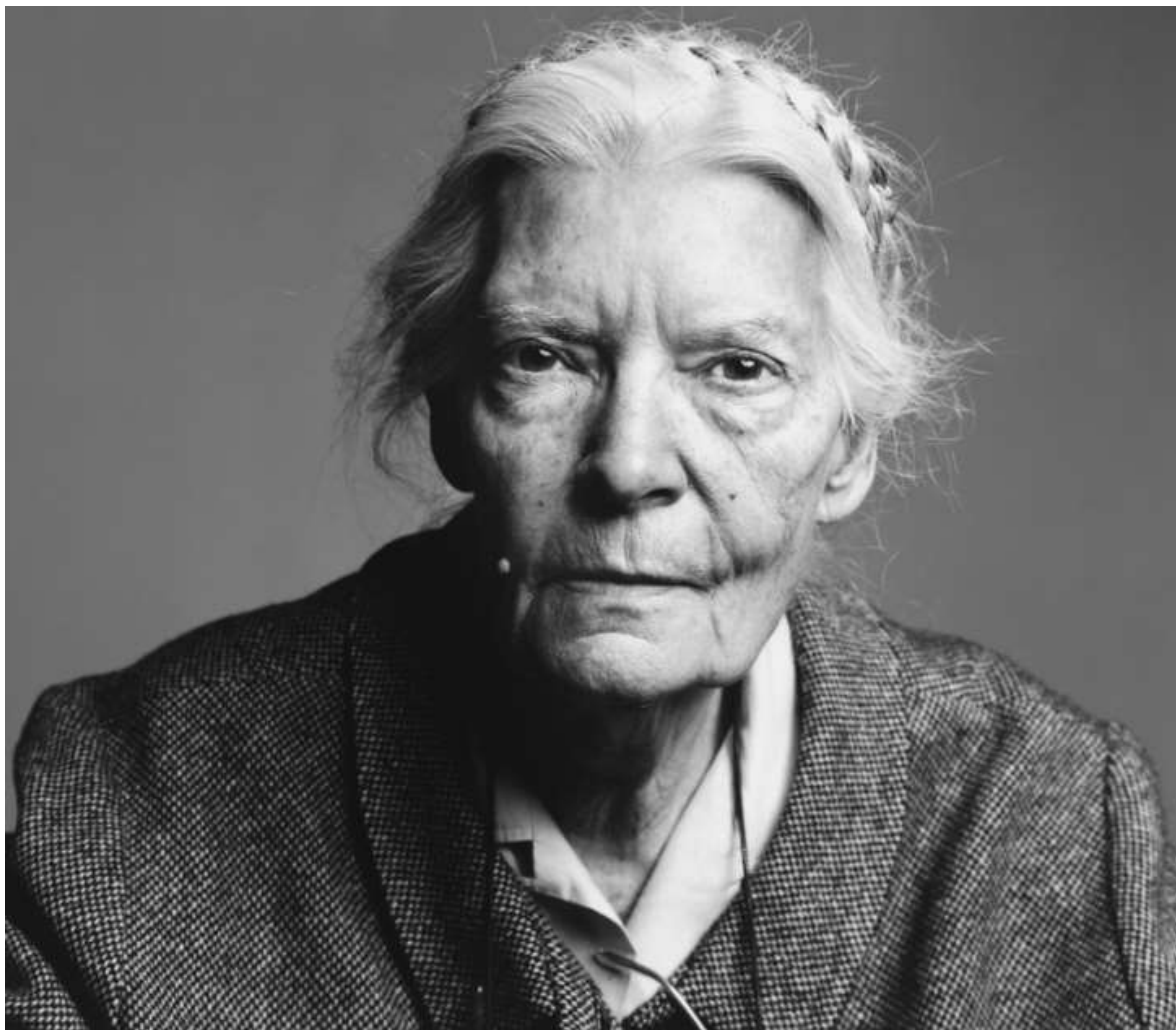
A questão moral surgiu bem depois: que direito tinha eu de gastar os recursos da empresa nessa teimosia? Compreendi que esse é o preço do aprendizado, e ao longo da vida aprendi que muitas vezes tem de deixar que as pessoas errem, quebrem a cara, para que aprendam definitivamente.

Como é aquela frase famosa? As pessoas não mudam quando veem a luz, só mudam quando sentem o calor. Por isso, falar, recomendar, nem sempre funcionará. Tem de deixar quebrar a cara. Se você tem filhos, sabe do que estou falando.

O moderado é capaz de trafegar pelas prioridades do momento, conforme o contexto exige. O moderado aceita que alguns problemas são insolúveis e é capaz de fazer escolhas mesmo diante da perspectiva de não solução.



CAPÍTULO 4 – A LUTA



Neste capítulo o autor conta a vida de Dorothy Day, uma ativista social católica, com foco em sua luta interior, que foi a base para uma vida de sacrifícios em

benefício dos mais pobres. Em 1906, quando Dorothy tinha oito anos de idade, um terremoto atingiu a cidade de Oakland na Califórnia, mergulhando a cidade num caos. Nos dias seguintes, Dorothy observou como as pessoas se juntaram na crise para ajudar umas às outras. Os escritos de Dorothy na adolescência, mostram que ela tinha o desejo de encontrar um propósito que transcendesse os desejos de sucesso material. Aos 15 anos seus escritos mostram uma luta entre os nascentes desejos sexuais e a concepção de pecado de uma pessoa que buscava um propósito espiritual. Um intenso processo de introspecção e desejo de ser crítica com relação a suas falhas foi, portanto, central para a construção de seu caráter.

Enquanto adolescente, Dorothy divergia do pensamento religioso e tornou-se mais interessada no ativismo político, aproximando-se do pensamento socialista, da escrita e da capacidade de organização. Aos dezoito ela mudou-se para Nova Iorque, onde experimentou uma terrível solidão. Aproximou-se de uma comunidade boêmia de artistas e ativistas daquela época. Passou a beber e abraçou a contracultura da época, inclusive nas questões da promiscuidade sexual. Enquanto isso, aquela luta interna criava uma sensação de insatisfação crescente.

Durante a epidemia da gripe espanhola de 1918, Dorothy se voluntariou como enfermeira num hospital cuja equipe estava organizada num estilo militar de liderança, e ali aprendeu a importância da autodisciplina como um meio de organizar

as pessoas. Pelos próximos anos Dorothy continuou a se engajar no ativismo político, participando de protestos e escrevendo, envolvendo-se em diversas lutas que nem sempre representavam aquela pureza de propósito transcendental. E Dorothy continuava ampliando o sentimento de insatisfação.

Com o nascimento de sua primeira filha, Dorothy foi tomada por um sentimento de gratidão. Ela escreveu: “Se eu tivesse escrito o maior dos livros, composto a maior sinfonia, pintado o mais lindo quadro ou esculpido a mais extraordinária figura, eu não me sentiria tão elevada criadora como senti quando colocaram minha filha em meus braços.” Dorothy sentiu que precisava agradecer a alguém. Mas quem? Durante suas longas

caminhadas uma sensação de realidade divina tomou conta de sua mente, quando ela percebeu que estava rezando. Durante as caminhadas, expressões de gratidão, louvor e obediência brotavam em sua mente. Uma caminhada que começava em angústia, podia terminar em felicidade.

Dorothy não estava respondendo a questão sobre a existência de Deus, mas apenas se tornando consciente da existência de uma presença além dela mesma. Ela se rendeu à crença de que, independente da nossa vontade, existe algo superior que dá forma à vida. Ela encontrou seu chamado.

Mesmo sem ser membro de nenhuma igreja e nem manifestar interesse por teologia ou qualquer doutrina religiosa, criou interesse pela Igreja Católica, pelo desejo de contribuir com as pessoas mais pobres que eram membros daquela fé. Mesmo os amigos dizendo que ela não precisava de nenhuma organização religiosa para realizar seu trabalho, que era uma contradição uma ativista radical como ela se juntar a uma entidade tão retrógrada como a Igreja Católica, Dorothy havia aprendido como radical que precisava se aproximar o máximo possível daqueles que ela pretendia ajudar. E isso significava participar de sua igreja.

Dorothy mergulhou tão fundo nesse senso religioso, a ponto de todos acharem que

ela havia perdido a razão. Ela até mesmo se separou do marido que amava, um cético.

O autor descreve então todo o doloroso processo de conversão de Dorothy, que compreendeu que o mundo não era aquela divisão da adolescência, a carne de um lado, o espírito do outro. Ela desenvolveu uma luta interna violenta, julgando-se não digna, traidora dos pobres ao alinhar-se a uma instituição que estava ao lado da propriedade, dos poderosos, da elite. Mas ela insistiu, mergulhando profundamente nos mitos e ritos da igreja, tornando-se uma carola mesmo. E com isso conseguiu criar um centro espiritual para sua vida.

Da pessoa fragmentada na juventude, ela se movia para a integração.

Desenvolvendo um trabalho intenso, Dorothy tratava com desdém quem trabalhava pelos pobres buscando uma satisfação interna ou então para atender a um orgulho próprio. E ela não gostava da grande filantropia. Insistia com seus colaboradores: comece seu trabalho a partir de onde você vive, com as pequenas necessidades concretas ao redor de você. Ajude a diminuir as tensões em seu ambiente de trabalho. Ajude a alimentar a pessoa que está em frente a você. Dorothy tornou-se adepta do personalismo, doutrina que prega que temos uma profunda obrigação pessoal de viver de forma simples, buscar atender as necessidades de nossos irmãos e irmãs e compartilhar as alegrias e tristezas que eles estão sentindo.

Dorothy passou a vida servindo aos mais pobres, até sua morte em 1980. Escreveu 11 livros e mais de mil artigos. Ela não apenas visitava os hospitais e abrigos, para depois voltar ao conforto de sua casa. Ela vivia nos hospitais e abrigos, junto àqueles que ela servia.

Sua vida e estilo de trabalho era similar àquela descrita pelo médico e missionário alemão Albert Schweitzer, no hospital que mantinha na África. Albert não contratava idealistas nem justiceiros sociais que se orgulhavam do quanto estavam contribuindo com o mundo. Ele não contratava gente que queria fazer algo especial, fazer a diferença. Ele queria gente com a atitude honesta de que faria o que precisava ser feito. Ele escreveu assim: “Somente quem sente a

preferência por ser alguém natural, e não algo extraordinário, sem pretensões ao heroísmo, mas apenas ao sóbrio cumprimento de suas obrigações, é capaz de ser o tipo de pioneiro espiritual que o mundo necessita”.

Meu pitaco. Cara, a forma como o autor descreve a vida e o comportamento de Dorothy me fez pensar todo o tempo que ela tinha algum tipo de psicopatia. Sua entrega e amor aos miseráveis, bêbados, malucos e doentes era – se vista de fora – doentia. Há uma grande discussão sobre pessoas que se comportam como Dorothy, exatamente naquilo que Dorothy mais desprezava: os “do-gooders”, algo como “filantropos bem-intencionados, mas sem os pés na realidade”, que hoje se dedicam a causas humanitárias como uma forma de autointeresse centrado

no orgulho e na absolvição de culpa. Dorothy também sentiu esse mesmo desdém pela “celebração do eu” lançada nos tempos da contracultura dos hippies e sua agitação pela justiça social. Pelo que o autor escreve, ela não se encaixou em nenhuma corrente, era uma radical em luta constante consigo mesma, forçando-se a experimentar situações desagradáveis, mas que lhe davam a certeza de estar fazendo o bem. É difícil ler esse capítulo, ver como ela anulou seus desejos e se entregou completamente a uma causa, e não achar que ela tinha problemas. Mas foi assim que ela deixou uma marca na humanidade.

Dorothy escreveu: “Eu precisava parar a mim mesma às vezes. Eu me via correndo de uma pessoa para outra, com tigelas e mais tigelas de sopa, mais e mais pratos de pão, com a gratidão dos que têm fome fazendo um ruído enorme em meus ouvidos. A fome de meus ouvidos pode ser mais severa que a fome do estômago de alguém; a alegria de ouvir aquelas expressões de gratidão.” Dorothy acreditava que a maldição do pecado estava à espreita em cada esquina, mesmo nas casas de caridade. Servir aos outros é viver sob grande tentação.

A maioria das pessoas, quando pensa no futuro, pensa em viver vidas felizes. Mas quando pensamos nos eventos que ao longo de nossas vidas nos impactaram e nos formaram, normalmente não falamos

de momentos felizes. São as provações que nos marcam. A maioria das pessoas busca a felicidade, mas é formada pelo sofrimento. E para a maioria de nós, não há nada de nobre no sofrimento. Quando não está conectado a um propósito maior, quando não é compreendido como parte de um processo maior, o sofrimento pode simplesmente nos destruir.

Mas algumas pessoas conseguem conectar seu sofrimento a algo maior, em solidariedade a outros que sofrem. Essas pessoas são enobrecidas por esse sofrimento. Não é o sofrimento que faz a diferença, mas a forma como ele é experimentado.

Meu pitaco. Nesse momento me veio à mente imediatamente o LíderCast 141, quando conversei com o procurador Ronaldo Lira e ele contou a história do Frei Francisco, um anônimo na sociedade. Ninguém o conhece. Ele é uma pessoa que tem voto de pobreza. É franciscano e lidera a Associação São Francisco da Providência de Deus, que administra quase 80 unidades de saúde no Brasil. O hospital de Presidente Prudente, o hospital João Paulo II em Rio Preto, o hospital São Francisco de Assis, que é centenário lá no Rio de Janeiro. Ele é o fundador, que começou tudo e hoje lidera cerca de 17 mil funcionários na área da saúde.

Provocado pelo Papa Francisco a levar seu trabalho assistencial para a Amazônia, o Frei decidiu construir um

barco hospital, que está para ser inaugurado.



O Frei fez voto de pobreza, usa a túnica caraterística, as sandálias, leva uma vida frugal... e muda a vida de milhões de pessoas. Voltando ao livro: não é o

sufrimento que faz a diferença, mas a forma como ele é experimentado.

O prazer de sofrer é a consciência de que você está indo além do superficial, se aproximando do fundamental. Ele cria o que a psicologia moderna chama de “realismo depressivo”, a habilidade de ver as coisas exatamente como elas são. Além disso, o sofrimento nos dá um senso mais claro de nossas limitações, do que podemos ou não controlar. O sofrimento, assim como o amor, destrói a sensação de que somos autossuficientes. E o sofrimento também nos ensina a gratidão.

A lição é que em vez de nos perguntarmos “Por que comigo?” ou “Por que esse mal?”, aprendemos a perguntar “O que é

que eu farei se me defrontar com o sofrimento ou for vítima de algum mal?”

Recuperar-se de um sofrimento não é o mesmo que recuperar-se de uma doença. Muitas pessoas não saem de um sofrimento curadas, saem diferentes. E assim o sofrimento pode se tornar uma dádiva, muito diferente daquela outra chamada felicidade.

Felicidade traz prazer, o sofrimento cultiva o caráter.

CAPÍTULO 5 – AUTODOMÍNIO



Neste capítulo o autor contará a história de George Catlett Marshall, o autor do Plano Marshall que reconstruiu a Europa

após a II Guerra Mundial, e que recebeu o Prêmio Nobel da Paz e ocupou altos cargos no governo dos Estados Unidos.

George teve infância pobre, desempenho medíocre na escola, onde se sentia humilhado. Sua vida mudou ao entrar no Virginia Military Institute, onde mergulhou na cultura moral da instituição, que incluía o compromisso com a honra, com o servir, e com a autodisciplina. A honra era ensinada aos cadetes através da reverência aos grandes líderes da história. Ao cultivar o hábito pela reverência aos antigos heróis, aos mais velhos, aos líderes, os professores não estavam oferecendo apenas conhecimento sobre o que a grandeza é, mas tentando nutrir o hábito da admiração. O comportamento correto não

é apenas saber o que é certo, mas ter a motivação para fazer o que é certo, uma emoção que nos impele para o bem. E George foi desenvolvendo o hábito de tentar fazer o melhor em qualquer coisa na qual se envolvesse.

No Virginia Military Institute ele também aprendeu sobre renúncia, a habilidade de deixar para lá pequenos prazeres em benefício de recompensas maiores no futuro.

Meu pitaco. No LíderCast 146 com Cândido Pessoa, tem uma conversa fascinante sobre a capacidade de postergar uma recompensa imediata em benefício de outra maior no futuro, que é o que nos diferencia dos animais.

George não foi um aluno brilhante, mas aprendeu os benefícios do treinamento, do asseio, da organização, da precisão, do autocontrole e da liderança. Tornou-se hábil na estética da disciplina, mantendo postura correta e ereta, saudação forte, olhar direto, roupas impecavelmente passadas e a forma de se movimentar, que indica capacidade de autocontrole. Esse tipo de formalidade não é comum hoje em dia. Nos acostumamos a levar tudo na boa, de forma mais relaxada, temos medo de parecer artificiais. Mas aqueles cadetes acreditavam que grandes homens não nascem feitos, são construídos pelo treinamento.

Mudanças acontecem de fora para dentro. É pelo treinamento que a pessoa se torna

disciplinada. É através da expressão da cortesia que ela se torna educada. É através da resistência ao medo que ela desenvolve a coragem. É pelo controle das expressões faciais que ela se torna sóbria. O ato precede a virtude.

Essas virtudes se tornaram fundamentais para o desenvolvimento do estilo de liderança de George em sua carreira no exército.

Diversos biógrafos escrutinaram a vida de George Marshal sem encontrar uma falha moral sequer.

Meu pitaco. Cara, mas isso está tão distante, mas tão distante da cultura atual... Me lembro de minhas visitas a academias militares, de como fiquei encantado com a educação, com a

obediência à hierarquia e a seriedade dos cadetes e oficiais. Mas esse formalismo foi transformado pela guerra cultural em “resquício da ditadura”, em “lavagem cerebral” e outros termos utilizados para descaracterizar qualquer coisa de bom que a educação militar possa apresentar. E isso é uma idiotice.

Escrevi sobre isso num Cafezinho, quando contei da formatura da minha filha, num grande teatro em São Paulo. Chega o momento mais importante da cerimônia: o juramento. Cada curso repete o processo. Um aluno lê uma frase do juramento, todos repetem. Outra frase, todos repetem. Até o final. Mas num dos cursos, o aluno representante displicentemente lê o longo juramento inteirinho, num só fôlego e olha para a turma, esperando

que repitam. Todos caem na risada, gritos e bagunça. O coordenador pede que ele leia frase a frase, o que acontece num clima de risos e esculhambação. O sub-reitor então diz severamente: “Este juramento é um compromisso ético com a carreira e o futuro de cada um de vocês! Por favor, levem a sério este que é um dos momentos mais importantes em suas vidas.”

Deu para ouvir o silêncio de perplexidade, mas também um início de vaia, que acabou não se confirmando.

Depois fomos comemorar numa pizzaria. Eu era o mais velho à mesa. Alguém lembrou a fala do sub-reitor: “Onde já se viu? Estávamos em festa e aquele cara não tinha nada que ir lá dar

aquela dura! Absurdo!” Eu disse que ele estava certo, que aquele momento era importante e que a zona da molecada apenas indicava que não estavam nem aí com compromissos. Só queriam saber da festa.

Quase fui expulso da pizzeria. Como era família, não fui chamado de “conservador”, “coxinha”, “fascista” e “preconceituoso”.

Aí vem o progressista com seu relativismo: “O que é bom pra você pode ser ruim pra mim”. E assim o juramento tanto pode ser um valor moral que merece reverência e respeito, quanto babaquice de gente

velha, que têm de ser ridicularizada. Escolha.

A facilidade com que descartamos valores morais, basicamente por ignorância, apenas reforça a crença de que eles podem ser substituídos por objetos. E isso destrói qualquer compreensão sobre o que é bom e o que é ruim. Quem vive seus valores agoniza diante de escolhas morais. Os que deixam esses valores apenas pairarem sobre suas vidas, nem percebem que essas escolhas precisam ser feitas. E isso explica o Brasil de hoje.

Uma história é bem interessante. Em outubro de 1917, durante a I Guerra Mundial, a unidade de George recebeu a visita do general John “Blackjack”

Pershing, o comandante sênior do exército norte-americano na guerra. O general deu um tremendo esporro em todos, por causa do treinamento e performance fracos, acusando especialmente o general Sibert, comandante imediato de George, que era Capitão. George decidiu partir para o sacrifício, deu um passo à frente e tentou explicar a situação para o General Pershing. O General, que estava irado, calou George e virou-se para ir embora. George então fez algo impensável, que poderia custar sua carreira. Colocou a mão no braço do General, para impedir que ele fosse embora e começou a despejar argumentos que apontavam para problemas do comando do próprio Pershing, como falta de suprimentos, distribuição errada de tropas, falta de

transporte motorizado e muitos outros problemas.

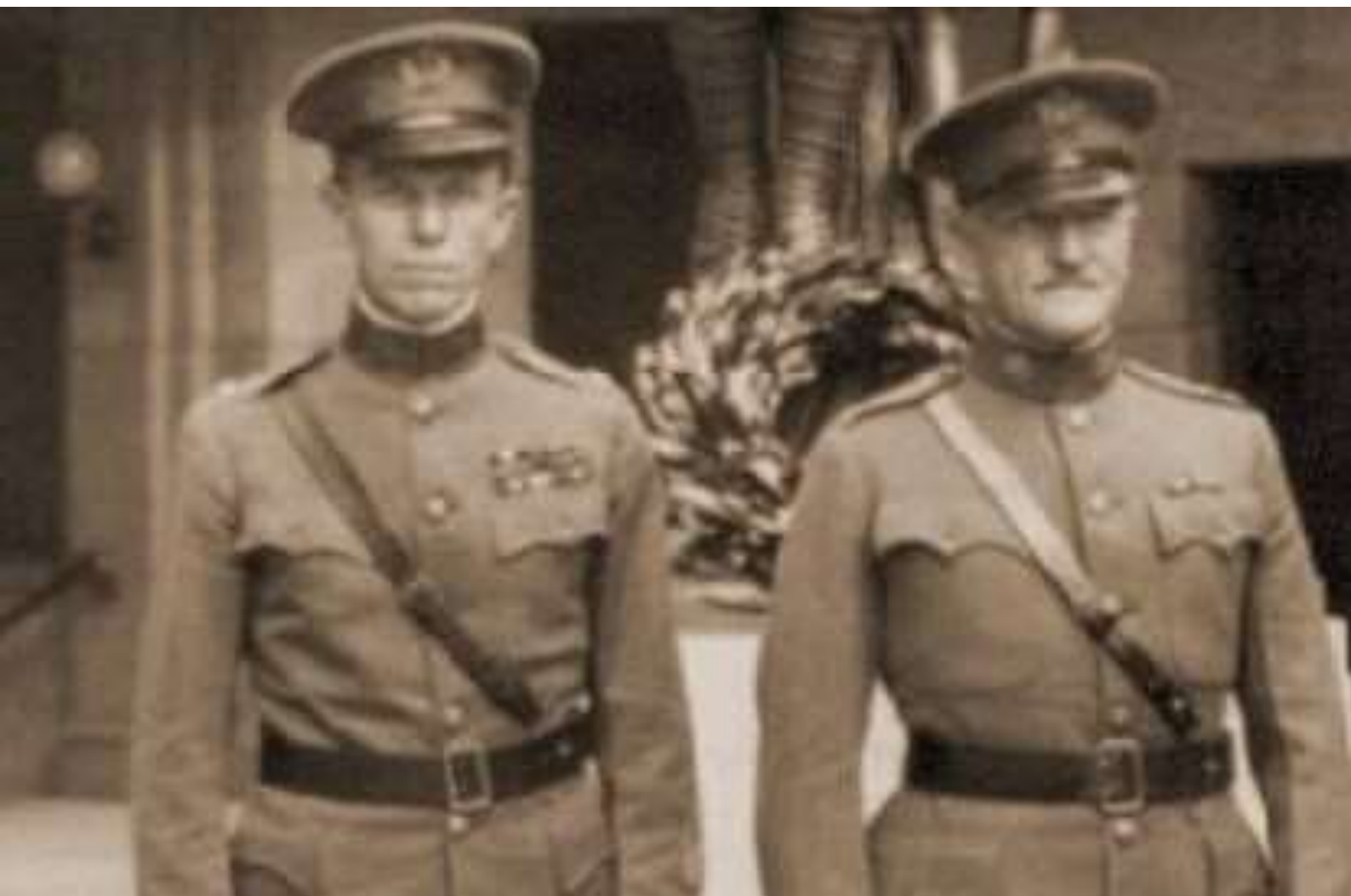
Um silêncio imenso desceu sobre todos, espantados pela forma como George afrontou o General. Pershing olhou para George vagorosamente e disse:

- Você tem de entender que todos temos problemas.

George respondeu:

- Sim, General, mas nós os temos todo dia e muitas vezes ao longo do dia, e temos de resolvê-los durante a noite.

O General nada disse e se retirou zangado. Todos agradeceram a George, mas disseram que sua carreira estava acabada. Porém o General Pershing não se esqueceu do jovem George. Trouxe-o para perto de si e se tornou seu mais importante mentor.



E sua carreira foi desenvolvida aos poucos, com ele ganhando habilidade e respeito como coordenador logístico e assistente de generais influentes. George se tornou tão bom nas questões administrativas que perdeu chances de promoção. Seus superiores o achavam tão indispensável que não cogitavam seu nome para comando das tropas. Mas George era o “homem organização”, que colocava as prioridades da instituição acima de seu ego. Ele escreveu: “Quanto menos você concordar com as ordens de seus chefes, mais energia terá de gastar para cumpri-las”.

Hoje em dia é difícil encontrar pessoas com essa mentalidade institucional. Vivemos a era da ansiedade institucional, acostumados a não confiar nas grandes

organizações. Parte porque vimos essas grandes instituições falharem e parte porque aprendemos a colocar o indivíduo em primeiro lugar. Valorizamos a liberdade de seguir como quisermos, de tocar a vida como escolhemos e jamais submeter nossa liberdade individual à burocracia ou a organizações. Pulamos de uma organização para outra com facilidade, sempre perseguindo uma vida de riqueza e sucesso. O propósito da vida é encontrado nesses atos de autocriação, nas coisas que fazemos e com as quais contribuímos, nas escolhas que fazemos.

Ninguém quer ser o Homem Organização. Amamos startups, disruptores e rebeldes. Não existe prestígio para os que optam pela reforma perpétua das organizações. Queremos re-vo-lu-ção. Os jovens

crecem acreditando que grandes problemas podem ser resolvidos por um enxame de pequenas ONGs e empreendedores sociais. Grandes organizações hierárquicas são dinossauros. Essa mentalidade contribuiu para a decadência das instituições. Se todo mundo é orientado a pensar fora da caixa, é justo crer que as caixas vão se deteriorar.

Quem possui a mentalidade institucional, como George Marshal possuía, tem mentalidade distinta, que começa com uma consciência histórica diferente. Essa gente acredita que a realidade primeira é a sociedade, que é uma coleção de instituições que transcenderam gerações. Todos nascemos dentro de uma coleção de instituições permanentes, incluindo o

exército, as igrejas, os campos da ciência e todas as profissões. A vida não é como navegar por um campo aberto. É comprometer-se com uma série de instituições que já existiam no solo onde você nasceu, e ali estarão depois que você morrer. Viver é assumir a responsabilidade de preservar e melhorar essas instituições, transmitindo-as, melhoradas, para as próximas gerações.

Meu pitaco. Sentiu aí a definição do que é o verdadeiro conservadorismo? Preservar e melhorar uma série de instituições que já existiam quando você nasceu, e ali estarão depois que você morrer. E transmiti-las, melhoradas, para as próximas gerações. É isso que entra em choque com a mentalidade revolucionária que

quer destruir o passado para construir, do zero, um futuro idílico. Mesmo que para isso tenha de causar um inferno no presente. É essa a história de todas as experiências socialistas da história, por exemplo. E é essa história que está na base de grandes casos de insucesso de empreendedores ou visionários que destruíram impérios ao tentar revolucionar grandes estruturas. Não aposte na revolução, aposte na evolução. Mas se você tem vinte e poucos anos será difícil concordar com essa ideia. Precisa de mais uns vinte e poucos anos de experiência para compreender.

A função social de uma pessoa define quem ela é. O comprometimento da pessoa com a instituição é como um

pacto, uma herança a ser passada adiante, um débito a ser pago. Existem momentos em que damos para a instituição mais do que dela recebemos, mas servir a instituição nos permite cumprir uma série de compromissos e nos dá um lugar seguro no mundo. Nos dá um meio onde submergir nosso ego, aquietar as ansiedades.

George Marshall construiu sua vida de acordo com as necessidades de sua organização. Ele tinha uma vida privada, mas evidentemente traçava uma linha bem clara entre a vida privada e a profissional. Hoje em dia, tendemos a apagar essa linha, não é?

Meu pitaco. E isso acontece numa via de duas mãos. A criança que vê o pai ou mãe chegando em casa depois de um dia de trabalho, abrindo o laptop e continuando a trabalhar. Ou atendendo a chamadas profissionais no final de semana... cresce com a impressão de que aquilo é trabalho, misturado com a vida particular. E o jovem que tem o primeiro emprego, vai para o trabalho achando que será como em casa, terá tudo na mão, sua vontade será lei...e quebra a cara quando descobre que trabalho não é casa. E quando aquilo que você posta em suas mídias sociais passa a ter impacto em sua vida profissional? E quando você está ao alcance de um clique? Conectado vinte e quatro horas por dia? E quando sua empresa é global e a videoconferência

com os chineses acontece às 3 e meia da manhã?

É preciso um esforço cada vez maior pra separar vida privada da profissional.

A II Guerra teve Generais populares, como McArthur e Patton, mas a maioria, como Marshall e Eisenhower, eram o oposto. Eram organizadores precisos, nunca showmen. Marshall detestava generais que gritavam e davam murros nas mesas.

Ao final da II Guerra coube a George Marshall desenvolver o Plano de Recuperação da Europa, nome que ele sempre usou. Foi o Presidente Eisenhower quem exigiu que o nome

fosse Plano Marshall, como uma forma de deixar para a história a memória de um grande homem.

Vivemos numa sociedade que coloca grande ênfase na felicidade pessoal, que é definida por não ficarmos frustrados na realização de nossos desejos. Mas as velhas tradições morais nunca morrem. Elas flutuam pelos séculos, inspirando outras pessoas. Marshall viveu num mundo de aviões e da bomba atômica, mas em muitas maneiras, foi formado pelas tradições morais da Grécia e da Roma antigas. Seu embasamento moral deveu alguma coisa para Homero, na ênfase clássica na coragem e honra. Deveu algo aos Estóicos, com sua ênfase na disciplina moral. E particularmente nos anos finais de sua vida, deveu ao

atenense Péricles, pelo estilo magnânimo de liderança.

O autor conclui que o que fez de Marshall um homem de grande caráter foi o sacrifício constante de suas ambições pessoais às necessidades da instituição que ele serviu.

Ao morrer, em 1959, Marshall deixou instruções claras: “Quero um enterro simples, como qualquer oficial comum do exército que serviu seu país com honra. Nada de exagero. Sem cerimônias elaboradas. Façam o serviço curto, só para a família. E, acima de tudo, em silêncio.”

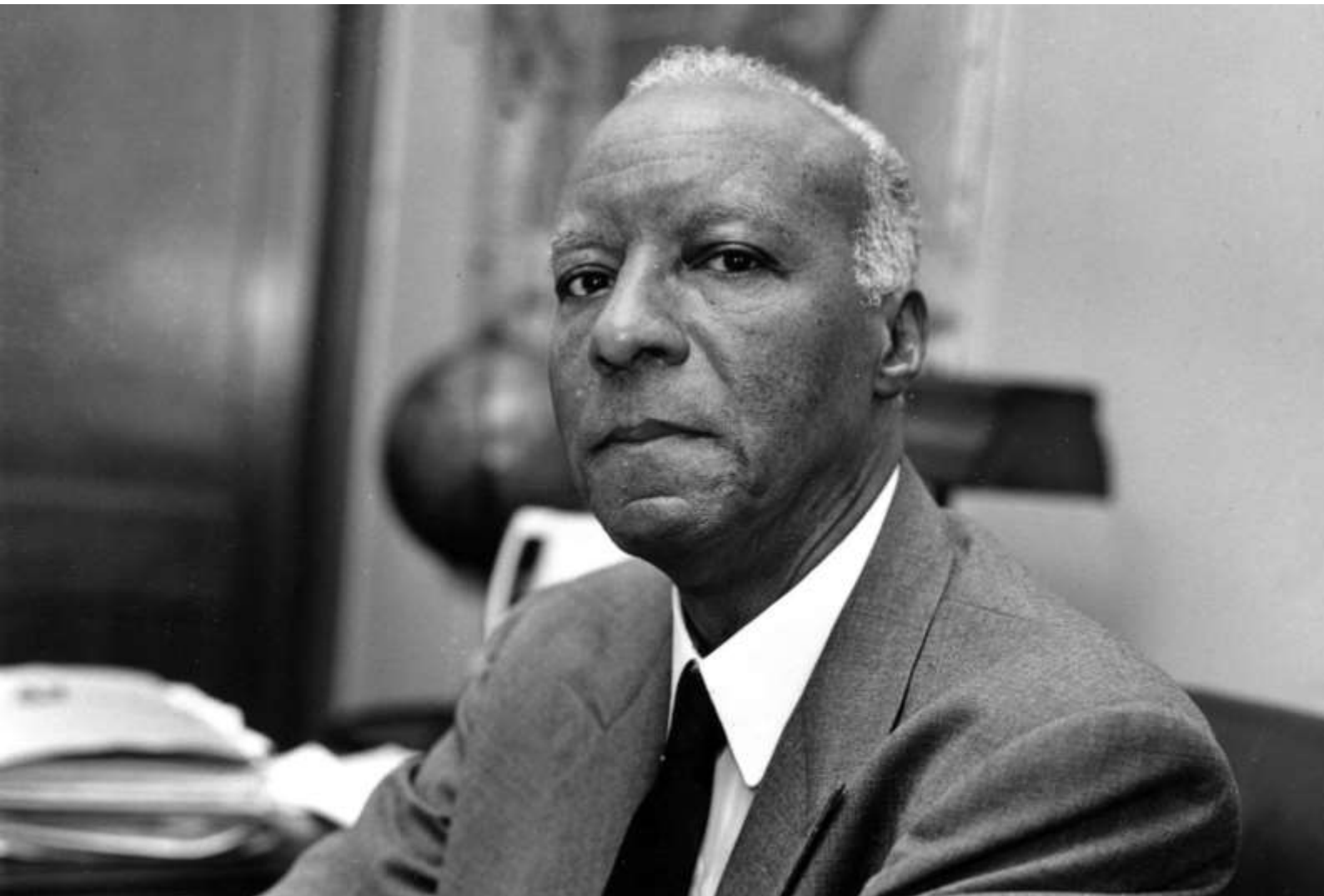
Fim.

CAPÍTULO 6 – DIGNIDADE



Este capítulo investiga as vidas de dois ativistas contemporâneos de Martin Luther King: Phillip Randolph e Bayard Rustin. Ambos foram fundamentais nos

movimentos pelos direitos civis nos anos 1960 e o foco moral deste capítulo é na virtude da dignidade.



Primeiro Randolph: filho de um missionário da Igreja Episcopal Metodista Africana, que trabalhava o cristianismo integrando questões sociais e raciais.

Mesmo extremamente pobres, os pais de Randolph insistiram em sua educação, no cultivo de boas maneiras e gentileza e no desenvolvimento da oratória. A soma dessas qualidades o autor equipara a ter dignidade. O pai levava Randolph e seu irmão para eventos políticos da comunidade negra, apresentando-os a negros bem-sucedidos e contando sobre personalidades negras que fizeram história. O pai de Randolph era guiado por valores como civilidade, humildade e decência, inspirado pelo serviço religioso e social.

Randolph desenvolveu assim uma consciência moral firme. Mesmo atraindo muito a atenção das mulheres, resistiu a se tornar promíscuo e rejeitou diversas oportunidades para criar riqueza pessoal, por achar que comprometeria sua missão de justiça social. Era considerado

inocorrúptível, percepção que só aumentou ao longo de sua vida.

Em 1911 Randolph se mudou para o Harlem onde participou de diversas atividades de organizações socialistas. Leitor voraz de Marx, ajudou a criação de diversas revistas que abordavam questões raciais, levando o Marxismo para as comunidades negras. Foi preso por seu ativismo e, ao mesmo tempo, deu uma aburguesada na vida ao se

casar com uma garota de família nobre do Harlem. Participou da organização de sindicatos e, quando entendeu que a maioria dos trabalhadores não concordava com suas críticas ao capitalismo, mudou de tática. Em vez de focar na ideologia Marxista, adotou a luta pela dignidade, sempre acreditando que

os negros conseguiriam seu lugar na sociedade por si sós, sem ajuda dos brancos.

Randolph colaborou para que as leis trabalhistas da administração Roosevelt reduzissem as horas de trabalho de 400 para 240 e ampliassem consideravelmente os salários. Também se tornou adepto da resistência não violenta e rompeu com o Marxismo da juventude, passando a lutar para eliminar das organizações o ideário soviético no meio sindical. Randolph tornou-se a principal liderança dos movimentos negros. Seu poder derivava de sua integridade moral, seu carisma, seus exemplos de homem incorruptível a serviço de uma causa.

Muitas pessoas são o produto das circunstâncias, mas os pais e professores de Randolph, além dele mesmo, criaram uma espécie de “ecologia moral” que transcendia as circunstâncias, sob forma de um comportamento um pouco mais elevado, mais formal e muito mais digno que o mundo ao seu redor. Fora de seus escritos, Randolph jamais criticava os outros. Não estava interessado em dinheiro e achava que o luxo era um corruptor moral. Mesmo depois de velho e famoso, ia de ônibus para todos os lugares. Recusava ajuda dos que se dispunham a criar movimentos de doações para ajudá-lo. Essas qualidades, a incorruptibilidade, a formalidade e acima de tudo a dignidade, faziam com que fosse impossível humilhá-lo. Suas reações eram determinadas por ele mesmo, e não pelas manifestações de

racismo ou puxa-saquismo que o rodeavam.

Seus desafios eram: como organizar pessoas imperfeitas para que provoquem mudanças? Como obter poder sem ser corrompido pelo poder?

Hoje em dia, quando usamos a expressão “espírito público”, nos referimos a alguém que mobiliza, marcha, protesta e tem sua voz ouvida para o bem público. Antigamente, era alguém que reprimia suas paixões e moderava suas opiniões para buscar um consenso maior e conseguir engajar gente diversificada. “Espírito público” era uma forma de se autogovernar, de autocontrole. Randolph

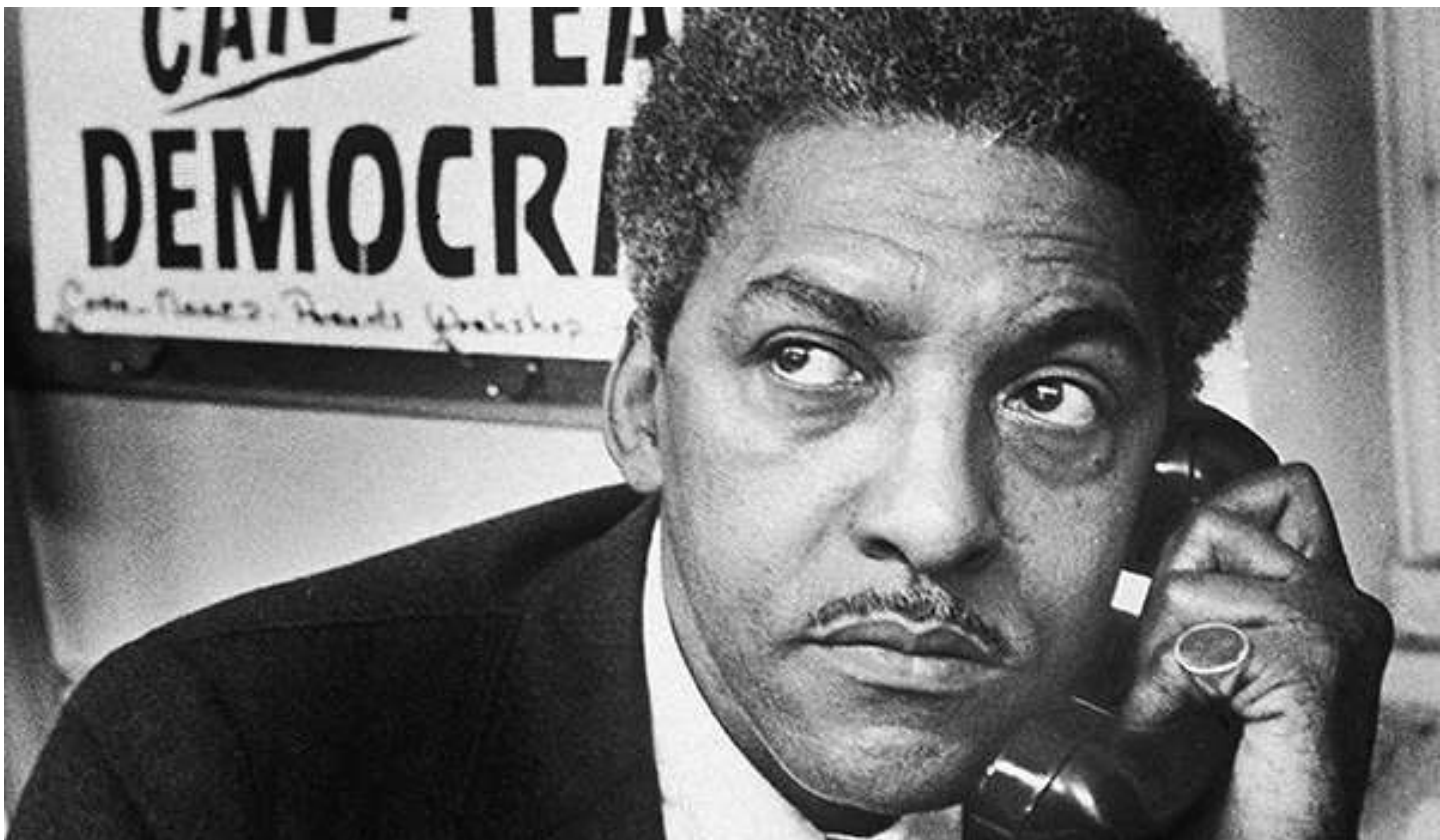
combinava radicalismo político com tradicionalismo pessoal.

Meu pitaco. Enquanto lia a história de Randolph eu me lembrava dos diversos documentários que assisti e coisas que li a respeito da revolução cultural dos anos 1960. Foi um período crucial para a história da humanidade, com a contestação aos costumes, com a guerra do Vietnã, a questão racial, o movimento feminista e tanta coisa mais. Eu nunca imaginei aqueles ativistas como a descrição que é feita pelo autor, da pessoa austera, séria, humilde, avessa ao espalhafato. Na minha cabeça sempre vem um hippie, um pantera negra, uma moça queimando um sutiã... Afinal, quem é o mensageiro das ideias criadas pelos

que atuam nos bastidores? Se for um executivo-padrão, quietão, soturno, não anda. A mensagem tem de ser passada com brilho, de forma inspiradora, motivando as pessoas. É preciso algum espalhafato, o que é exatamente o oposto do que era Randolph.

A reflexão que fiz neste capítulo tem a ver com o capítulo anterior que falava dos generais popstar e dos generais quietos. Toda grande mudança parece que precisa ter o indivíduo espalhafatoso, para gritar as mensagens, enquanto outros trabalham quietos nos bastidores. Foi assim nos grandes projetos de mudança nos quais trabalhei ao longo da carreira, e é assim com o que tenho

visto nestes dias conturbados. Aliás, basta olhar para as discussões que tem pautado o cenário político no Brasil para perceber que é onde tem quem mais grita, quem mais aparece, é que as pessoas se aglutinam. Os moderados, os sisudos, os contidos, parece que são atropelados pelos showmen. O mundo é dos youtubers de cabelo roxo.



O outro personagem é Bayard Rustin, que também teve pais que o encorajaram a buscar a dignidade através do autocontrole, enfatizando a importância da educação e desenvolvendo a oratória. Criado pelos avós, Rustin também recebeu uma educação rígida, a mãe era uma Quaker, religião que não aceita organizações clericais e preza pela simplicidade e ações pacifistas, beneficentes e solidárias. Ela insistia na necessidade de desenvolver os atributos da calma, dignidade e do autocontrole: “Nunca perca a calma” era sua frase favorita.

No colégio, Rustin tornou-se atleta e escrevia poemas, tornando-se o primeiro estudante negro em 40 anos a ganhar o prêmio de oratória. Desenvolveu paixão

pela ópera, Mozart e Bach. Na universidade, Rustin descobriu-se gay, o que o levou a morar em Nova Iorque, que já tinha uma aceitação da cultura gay. No Harlem, juntou-se a organizações, aproximando-se de Randolph, a quem auxiliou em manifestações. Pacifismo era um meio de vida para Rustin, um caminho para a virtude e estratégia para mudanças sociais.

Mas diferente de Randolph, Rustin perdia o controle em sua vida sexual. Sua promiscuidade sexual foi a causa de desligamento da liderança em várias oportunidades, desacreditando movimentos que ele defendia. Depois de uma prisão e da revelação escandalosa de prática sexual com detentos, Rustin foi duramente criticado, até que uma ativista

conhecida se ofereceu para ficar com ele, dando-lhe a perspectiva do sexo heterossexual e ajudando-o a repensar suas escolhas. Rustin não aceitou a proposta, mas viu na atitude abnegada daquela mulher uma espécie de sinal de Deus. Resolveu mudar, rever sua arrogância, a raiva interior e repensar a vida sexual.

Ao sair da prisão, Rustin mergulhou no ativismo contra a segregação racial, foi agredido e quase linchado, ganhou relevância como um dos líderes pelos direitos da população negra. Até ser pego pela polícia fazendo sexo oral em dois homens num carro. Tomou 60 dias de cadeia e sua reputação nunca mais se recuperou.

O autor então traz uma reflexão sobre David L. Chappell em seu livro *A Stone of Hope*. David diz que naqueles anos sessenta existiam dois movimentos de direitos civis. O primeiro no norte do país, composto por gente altamente educada que tinha uma visão otimista da história e da natureza humana. Essas pessoas entendem a história como um processo em constante evolução, com a acumulação de conhecimento científico e psicológico, a crescente prosperidade, o aprimoramento da legislação e uma espécie de evolução da barbárie para a decência. Aquelas pessoas acreditavam que o racismo era uma clara violação dos fundamentos da nação e que a tarefa dos agentes pelos direitos civis era apelar para a razão e para o lado bom da natureza humana. Quando os níveis educacionais aumentam, surge a

consciência de que conforme a prosperidade cresce junto com as oportunidades econômicas, mais gente vê que o racismo é errado, que a segregação é injusta e que é preciso combatê-la. Educação, prosperidade e justiça social caminham, portanto, de mãos dadas. Todas as coisas boas são compatíveis e se reforçam mutuamente. Quem está nesse campo tende a acreditar na conversação em vez do confronto, no consenso em vez da agressão e na civilidade em vez da força política.

O outro movimento, conforme David Chappell, emergiu de uma tradição profética bíblica. Seus líderes, incluindo Martin Luther King e Bayard Rustin, citavam Jeremias e Jó, que viviam num mundo onde o justo sofre enquanto o

injusto prospera. Estar certo não leva necessariamente à vitória. O homem é um pecador no âmago de seu ser. Ele racionalizará as injustiças que lhe beneficiarem. Não abrirá mão de seus privilégios mesmo que você o convença de que são injustos. Mesmo as pessoas no lado mais justo da causa podem ser corrompidas por seu próprio senso de justiça, transformando um movimento altruísta num instrumento a serviço de sua vaidade. Elas podem ser corrompidas por qualquer poder que conquistem ou pela própria impotência. Pessoas nesse lado do movimento, na maioria da região sul dos Estados Unidos e extremamente religiosas, tinham desprezo pela fé que as outras pessoas, do norte, tinham no conceito de progresso gradual e natural. Essa turma queria a revolução, e essa atitude lhes deu uma feroz determinação

e os fez, conseqüentemente, mais agressivos. Eles não acreditavam que o homem mudaria meramente pela educação e que era errado acreditar no processo da evolução histórica e nas instituições humanas. Não. A mudança vem da pressão implacável e da coerção.

Meu pitaco. Bem, nesse ponto da leitura eu estava em pé e andando pela sala e quase gritando... Cara, essa descrição que acabo de fazer se aplica perfeitamente ao Brasil atual, à divisão entre “direita” e “esquerda”, entre “conservadores” e “progressistas” e mostra claramente de qual janela eles veem o mundo e as armas que são usadas nos conflitos diários. É impressionante como está tudo mapeado, basta conhecer um pouco de

história para entender não apenas o que está acontecendo, mas quais serão os próximos passos. E aqui foi impossível não lembrar de Olavo de Carvalho quando ele diz: “Eu não faço previsões. Eu só leio as coisas e tiro conclusões!” É isso. Amplie seu repertório se quiser saber das coisas, não entre no embalo da histeria ignorante de quem sai opinando sem ter em mãos informações suficientes.

O uso da tática da não violência permitiu que aqueles ativistas estivessem permanentemente na ofensiva. Permitiu que organizassem protestos, marchas, greves e outras coisas que forçariam seus adversários a praticar atos contra suas vontades. Explicitaria a brutalidade dos adversários.

Meu pitaco. Estou escrevendo este podsumário no exato momento em que explode nas redes o vídeo de alguns policiais detendo um homem diante de sua filha numa agência da Caixa Econômica. Depois de esperar horas pela resposta a suas necessidades, o homem se recusou a ir embora quando foi anunciado que o expediente da Caixa terminara. Decidiu ali ficar, pacificamente. Aqui você assiste o vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=grAAAnlse1UY>

Após diversos pedidos para que ele saísse, o gerente chamou a Polícia que, não convencendo o homem, se viu obrigada a usar a força. E o vídeo, feito pela filha do homem, de 15 anos,

desesperada, foi para as redes sociais, transformando o protesto que cairia no esquecimento num grande caso nacional. Muita gente defendeu o homem, muita gente atacou os policiais, muita gente atacou o gerente. Esse foi um exemplo fantástico da eficácia do uso do protesto não violento. Agora eleve essa ação de um indivíduo, para níveis de um movimento organizado, com milhares de militantes, capaz de causar comoção social e você terá uma ideia do poder da estratégia da não violência.

Randolph, Rustin e outros ativistas por direitos civis tinham plena consciência do perigo que corriam, especialmente de se tornarem cegos por sua consciência de

justiça; pelo senso tribal; mais vaidosos conforme a audiência crescia; mais insensíveis conforme o ódio pelos adversários aumentasse; que fossem dominados pelo orgulho.

Rustin, tão indisciplinado em sua vida sexual, viu a não violência como um meio de se autodisciplinar. O protesto não violento exige muito autocontrole e é uma atividade irônica. O mais fraco só pode triunfar pelo sofrimento; o oprimido não pode reagir se quiser derrotar o opressor e aqueles do lado da justiça podem ser corrompidos por seu próprio senso de justiça.

Rustin compreendeu que para continuar seu ativismo pelos direitos da comunidade

negra, não podia mais ficar sob os holofotes. Foi para os bastidores, onde a excelência na organização dos protestos políticos e seu compromisso com a resistência não violenta, trouxeram-lhe o respeito de outras lideranças, como Randolph e Luther King. Aliás, Martin Luther King foi seu protegido, para quem Rustin escreveu textos, orientou, deu ideias, apresentou para lideranças sindicais, motivou a falar sobre direitos civis e economia e organizou diversas ações.


A história de Phillip Randolph e Bayard Rustin é a história de como pessoas cheias de falhas lidaram com o poder, compartilhando uma visão de mundo baseada na consciência dos pecados sociais e pessoais. Eles aprenderam,

Randolph imediatamente e Rustin ao longo da vida, a construir uma estrutura interna capaz de conter seus impulsos. Aprenderam que mudanças dramáticas não chegam tranquilamente e que a virtude pode cegar.

Essa é uma filosofia de poder que combina a extrema convicção com o extremo auto ceticismo.



CAPÍTULO 7 – O AMOR



Este capítulo conta a história de Mary Anne Evans, autora que passou para a história como George Eliot. O escopo moral do capítulo é sobre como o amor transformou Eliot de uma mulher egoísta e pegajosa numa novelista profundamente sensível e astuta, cujo

trabalho causou um profundo impacto na literatura.

Eliot nasceu na Inglaterra em 1819, filha de um modesto empresário. Com a mãe doente durante a maioria da infância, Eliot foi enviada para uma escola aos cinco anos. Aos dezesseis retornou para assumir controle da casa, pois sua mãe estava morrendo com um câncer no seio. Sua busca por atenção fez com que grudasse no irmão mais velho, com quem tinha a cumplicidade das crianças. Mas quando o irmão cresceu, perdeu o interesse na irmã. Essa falta de afeição dos pais e do irmão, criou em Eliot um medo profundo do abandono e uma necessidade extrema e imatura pela validação externa. No final da adolescência ela se atirou na devoção

religiosa e nas práticas de renúncia ao pecado e abstinência da celebração e da diversão.

Mas por causa de sua inteligência e desejo pela vida, Eliot não pode ser contida por esses princípios. Ela amadureceu numa sociedade onde a religião passava por uma fase tumultuada, pois a ciência começava a contestar seus dogmas, especialmente com relação ao criacionismo. Eliot começou a ler mais sobre o Deísmo, que substitui o conceito de revelação divina pelo uso da razão e das experiências científicas e o conhecimento das leis naturais. Descobriu rapidamente outros intelectuais que acreditavam que os ensinamentos morais do cristianismo eram importantes, mas os milagres e outras partes fantásticas da

Bíblia eram uma mistura de ficção com história. O rompimento com a igreja causou também um rompimento com a família, que considerou inaceitáveis as consequências sociais do escândalo provocado por uma jovem que se desligava da igreja. Na sociedade daquela época, agnosticismo significava ostracismo.

Eliot não se desligou da ideia de que poderia existir um deus, mas compreendeu que poderia atingir um estado de graça através de suas próprias escolhas morais, vivendo uma vida rigorosa e virtuosa.

Ao mesmo tempo, Eliot começou a se interessar por homens. Em razão da falta de afeição na infância, sua vida romântica foi caracterizada por um senso de

dependência emocional pelos parceiros. E o resultado desse grude emocional foi a rejeição pelos homens, que a fizeram se sentir terrivelmente só.

Aos 32 anos, durante mais uma decepção amorosa, Eliot escreveu uma carta para o amado, que foi seu momento de virada, onde ela, madura, foi capaz de se despir de vergonha e confessar seu verdadeiro amor. Não foi correspondida, mas a partir daí começou seu momento de virada.

Esse momento pode acontecer, para muita gente, bem tarde na vida. É comum ver a falta da urgência para a mudança entre os menos favorecidos, que por má situação econômica, chefes arbitrários e falta de amor próprio perdem a fé de que é o empenho que leva ao desempenho. Você pode oferecer-lhes ajuda, programas para desenvolver habilidades,

mas nada acontece. Essas pessoas não têm a confiança de que podem controlar seus destinos.

Entre os privilegiados, especialmente os mais jovens, é comum encontrar pessoas criadas para se tornar máquinas em busca da aprovação dos outros. Podem estar ocupadas, ativas, mas no fundo se sentem passivas e incapazes de exercer controle. Suas vidas são dirigidas pelas expectativas de outras pessoas, por critérios externos e definições de sucesso nas quais elas não se encaixam.

Esse senso de urgência para a mudança não é automático. Tem de ser provocado, com intenção e esforço. E não é só a confiança e motivação para agir. É sobre

ter gravados na alma critérios para guiar a ação. O momento de urgência para a mudança pode acontecer em qualquer idade, ou nunca. O momento de Eliot surgiu em 1852, quando ela encontrou o amor de sua vida, George Lewes.

O curioso é que George Eliot era considerada feia. E George Lewes, mais feio ainda. Saca só o drama dos dois Georges:



Ao começar um caso com Eliot, Lewes era casado com uma mulher linda, com a qual mantinha um casamento aberto.

Meu pitaco. A princípio fiquei curioso com o autor dizer que Eliot decidiu viver uma vida pautada por rígidos padrões morais e depois descreve os casos que ela teve com homens casados, inclusive com um que já tinha esposa e amante e vivia com as três na mesma casa. Como é que pode se falar em rígida moralidade nessas condições? Especialmente na Inglaterra vitoriana? Mas o autor deixa transparecer que a infidelidade conjugal não era incomum naquela época. Fala de casamentos abertos em vários momentos e de gente tendo caso pra todo lado. Curioso, trazendo

algo que uso em minha palestra Tudo Bem, Se Me Convém. Uma frase de Augusto Branco que diz: “A moral e a ética são duas invenções humanas que dependem muito do espaço geográfico e temporal que você ocupa”.

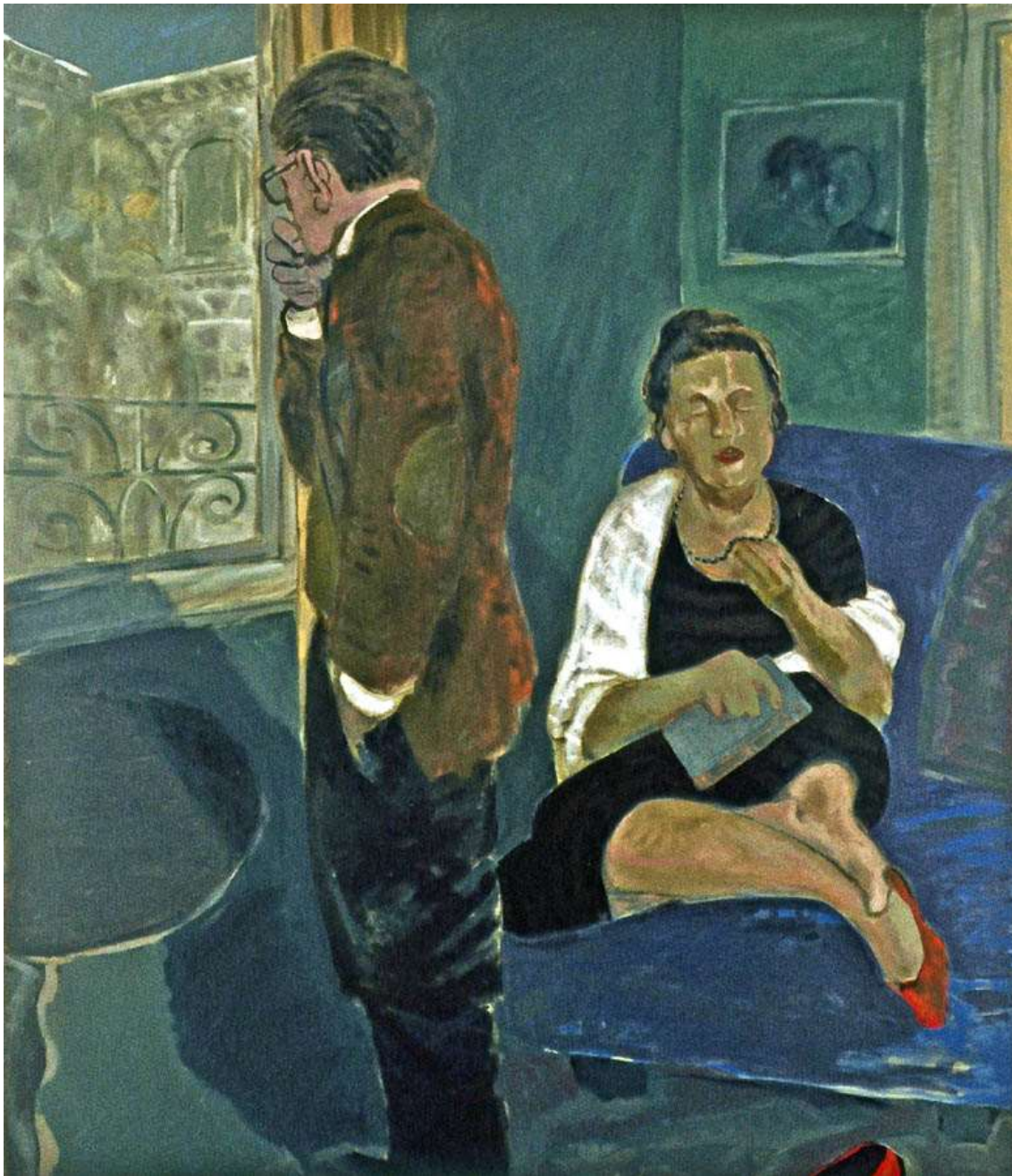
Ter um caso com um homem casado, para Eliot, foi algo circunstancial. Ela ainda acreditava na instituição do casamento e fez questão de viver como Sra. Lewes mesmo sob a reprovação da sociedade, com muitos a considerando uma ladra de maridos.

Num trecho do livro com o título de Amor Intelectual, o autor faz algumas especulações sobre como o amor de Lewes e Eliot floresceu, usando como exemplo o caso do filósofo inglês Isaiah Berlin e a poetisa russa Anna Akhmatova.

Berlin e Anna se conheceram em Leningrado em 1945 e passaram uma noite inteira conversando sobre filosofia, poesia, recitando versos, numa relação intelectual intensa. Berlin era 20 anos mais novo que Anna, e aquela noite mudou a vida dos dois.



O autor reflete sobre esse tipo de comunicação entre pessoas que acham que o conhecimento que vale a pena não está nas informações e dados, mas nos grandes trabalhos culturais e na sabedoria existencial, emocional e moral que herdamos. É uma comunicação na qual a compatibilidade intelectual se transforma numa fusão emocional. Berlin e Anna tinham lido as mesmas coisas e puderam vivenciar horas de uma conversação que mudou suas vidas. Eles acreditavam que você deve abraçar as grandes ideias e grandes livros que ensinam a experimentar a vida em toda sua riqueza e a fazer julgamentos morais e emocionais.



Meu pitaco. Meu discurso sobre a razão de existir do Café Brasil, desde 2003, é ajudar as pessoas a desenvolver a capacidade e julgamento e tomada de decisão. E aqui eu lia uma história real onde o

autor coloca essa capacidade como o elemento de união de duas almas, dois intelectuais. Cara, cheguei e ficar emocionado! O pintor Leopold Plotek pintou um quadro representando a noite do encontro de Isaiah e Anna. Eu viajei na história..

Aquela noite permanece como a ideia do contexto ideal para um certo tipo de vínculo, um tipo de amor que depende de tantas coincidências que só acontece uma ou duas vezes na vida, se é que acontece. Isaiah e Anna sentiram as peças se encaixando perfeitamente, eles eram iguais em muitas coisas, era tanta harmonia que as barreiras internas desmoronaram naquela noite. Quem lê os poemas de Anna sobre aquela noite tem a impressão de que eles dormiram juntos, mas de acordo com biógrafos, eles mal se tocaram. Foi um encontro intelectual,

emocional e espiritual, que criou uma combinação de amor e amizade. Berlin considerava aquela a noite mais importante de sua vida.

Anna estava presa num regime autoritário, seu filho na cadeia e foi acusada de relações com um espião inglês.

O amor de Eliot por Lewes deve ter seguido os mesmos princípios de intensidade intelectual e emocional de Berlin e Anna. Ambos experimentaram o amor como uma força moral que aprofunda a pessoa em si mesma, organiza a mente em torno da alma de outra pessoa e as eleva fazendo com que

sejam capazes de grandes atos de servir e de devoção.

O amor, em sua fase mais aguda, faz várias coisas que ajudam a reorientar a alma. O amor é uma força interna que toma conta da gente e nos transforma. É Afrodite ou o Cupido, é Deus ou o demônio, uma espécie de loucura deliciosa, um fogo interior, um frenesi divino. Não construímos o amor – e aqui tenho de usar o termo em inglês – we fall in love! Sem controle.

O amor é como um exército invasor que lembra que você não é o dono de sua própria casa. Conquista você aos poucos, reorganiza os níveis de energia, hábito de sono e, no final do processo, rearranja os

objetos de desejo sexual e seu foco e atenção. E é o exército mais poderoso, pois não provoca resistência. Quando a invasão está na metade, a pessoa invadida não vê a hora de ser totalmente conquistada.

O amor leva à afirmação: “Amo você? Eu sou você!”

O amor elimina a distinção entre dar e receber.

O Adão I quer viver de acordo com uma ótica utilitária, maximizar as experiências prazerosas e se proteger dos sofrimentos. Leva a vida pesando prós e contras, avaliando riscos e oportunidades e buscando por seus interesses pessoais. Adão I está o tempo todo pensando em

estratégias e calculando custos e benefícios. Quer controle. Mas amar é justamente se permitir perder o controle. Amor é submissão, não é decisão. O amor rompe a crosta da qual Adão I depende, para expor o solo fértil de Adão II.

Enquanto o autocontrole é um músculo que se cansa quanto mais é usado, o amor é contrário. Quanto mais você usa, mais ele se expande. É o amor que motiva as pessoas a servir. É ele que faz com que você dirija na chuva de madrugada para buscar a pessoa amada no aeroporto, é ele que faz você levar aquele remedinho quando ele espirra.

Meu pitaco. Rarararara... eu sempre brinco com minha filha, que hoje tem

28 anos, sobre uma vez que a levei para uma espécie de festival na escola dela. Centenas de crianças, um monte de atividades, mas o momento culminante aconteceria numa espécie de exibição de educação física dentro do grande ginásio. A Gabi devia ter 5 ou 6 anos de idade, e eu fiquei lá na arquibancada, sentado, por hoouoooooras, aguardando a exibição da turma dela. Eu e um monte de pais e mães. Quando chegou a vez dela, a ansiedade, tudo preparado, ela vem correndo e dá um pulo. Um pulo. O evento todo se constituiu num pulo. Aplaudi, todo mundo ficou feliz e depois voltamos para casa. Foram 4 ou 5 horas de evento para um pulo. O que explica isso, a não ser o profundo amor pela minha filha? Que faz a gente lembrar desse caso até hoje? Pare pra pensar

nos absurdos que você faz pelas pessoas que ama, simplesmente porque as ama. E quanto mais as ama, mais quer amar...

Esse é o tipo de amor que aconteceu entre Lewes e Eliot. Ambos foram transformados e, com a resistência que tiveram de enfrentar da sociedade, que não viu aquela união com bons olhos, amadureceram sua visão de mundo. Eliot sentiu-se mais confiante para encarar o mundo e isso foi o gatilho para desenvolver seu talento como escritora.

Eliot acreditava que a condição humana pode ser melhorada pelo esforço constante. Acreditava na lenta marcha que nos faz cada dia um pouco melhores

que no dia anterior. O desenvolvimento do caráter, assim como o progresso histórico, acontece melhor quando é imperceptível, pelo esforço diário.

Meu pitaco. Aqui bateu um exemplo que tem a ver com a disciplina. Outro dia ouvi ou li, não me lembro onde, uma coisa interessante: o que faz você entrar em forma não é ir na academia. É ir sempre na academia. É a soma dos ganhos imperceptíveis de cada dia, depois de dezenas de dias, que provoca alguma diferença. E é assim com quase tudo na vida. Vou retornar ao UFC.

As categorias do UFC são divididas por peso e o normal é que os lutadores

lutem em categorias abaixo de seu peso normal. Assim eles têm mais força. Mas para isso, no dia da pesagem eles precisam estar no limite. Não é anormal que os lutadores percam até 20 quilos num mês. O resultado é que chegam no dia da pesagem como zumbis, secos, acabados, alguns não conseguem, outros vão para o hospital. E eles têm menos de 24 horas para recuperar um pouco do peso anterior e entrar para lutar mais dispostos. É isso que acontece quando tentamos acelerar os processos, pulando etapas ou querendo assimilar as coisas mais rapidamente do que nossas mentes conseguem, apressando aquele processo lento de maturação, de conquista, de crescimento de raízes, de construção das bases. Olha, a gente

até consegue, mas corre o risco de virar zumbi.

Há limites sobre quanto conseguimos mudar outras pessoas ou quão rapidamente conseguimos mudar a nós mesmos. Grande parte de nossas vidas é vivida num estado de tolerância, tolerando as fraquezas de outras pessoas e nossos pecados, enquanto tentamos causar pequenas e lentas mudanças. Eliot escreveu: “Esses companheiros mortais devem ser aceitos como eles são. Não dá para endireitar seus narizes, iluminar sua inteligência nem modificar suas disposições; e é essa gente, entre a qual passamos nossa vida, que precisa ser tolerada, pela qual devemos ter compaixão e amor. É essa gente mais ou menos feia, estúpida e inconsistente,

cujos movimentos de bondade devemos admirar e por quem devemos acalentar toda esperança. Toda paciência.”

Meu pitaco. Impressionante... Eliot descreveu, 160 anos atrás, o conceito do brasileiro pocotó!

Essas características estão na raiz do caráter de Eliot, que buscava ser tolerante e receptiva, mas também rigorosa, sincera e exigente. Ela amava, mas também julgava.

Mary Anne Evans fez uma longa jornada para se tornar George Eliot. Saiu do egoísmo para a generosidade. E o evento

crucial para aquela jornada foi o amor de George Lewes.

CAPÍTULO 8 – O AMOR ENCOMENDADO



Chegou a vez de Santo Agostinho. É a partir de sua biografia e ideias que o autor trata da luta entre a fraqueza e a força moral.

Agostinho de Hipona nasceu numa família de classe média no ano 354 na cidade de Tagaste, que fica onde hoje é a Argélia. Seu pai era funcionário público e a mãe, Monica, era possessiva e controladora, inclusive sobre a vida pessoal do filho. Com uma infância frágil, com doenças que o faziam parecer mais velho do que era, Agostinho foi um aluno brilhante, mas sem paciência com a escola. Cabulava aula para atividades mais interessantes, como rinhas de briga de galo. E via-se dividido entre as ideias do mundo clássico e do mundo judaico-cristão. Entre o Helenismo e o Hebraísmo.

A visão de mundo do helenismo prega que as coisas sejam vistas como realmente são e que se explore o que há de bom e excelente no mundo, adotando

flexibilidade espiritual e dirigindo a própria vida. O hebraísmo procura uma verdade superior e a lealdade a uma ordem imortal, a obediência a um deus. Uma realidade espiritual transcendente.

A luta interna entre essas duas visões de mundo foi central para a vida e a construção do caráter de Agostinho, que foi bem-sucedido em obter sucesso externo, mas sua vida interior era turbulenta. E apesar de ser reconhecido como um prodígio, sentia-se isolado.

Depois de um casamento de 15 anos com uma moça de classe social inferior, a mãe de Agostinho interviu e o forçou a arranjar casamento com uma garota de 10 anos de idade de classe social mais alta. Esse

tipo de sacrifício social esteve presente na vida de Agostinho até quase os trinta anos de idade.

Num determinado ponto, Agostinho percebeu que o sucesso material não o satisfazia e mergulhou num profundo processo de autorreflexão que o levou a algumas conclusões. Por exemplo, que as pessoas desejam coisas erradas através do pecado, e que deveriam desconfiar dos desejos que surgiam de dentro de si. Outra conclusão é que existe uma trilha para o divino dentro de nós e tanto a capacidade de pecar quanto o desejo de transcender na direção do divino, são universais.

Agostinho também passou a ver cada virtude conectada a um vício. A autossuficiência conectada ao orgulho, a honestidade à brutalidade, a coragem com a imprudência. E o autor cita o teólogo Lewis Smedes que diz: “Nossas vidas interiores não são divididas como a noite e o dia, com luz de um lado e escuridão do outro. Nossas almas são lugares obscurecidos, vivemos no limite onde nosso lado obscuro bloqueia nossa luz. Não podemos dizer onde termina nossa luz e começam as sombras, nem onde terminam as sombras e começa a escuridão.”

Agostinho vivia entre mundos. Ele queria viver uma vida verdadeira, mas não estava pronto para abrir mão de sua carreira, do sexo ou dos bens materiais.

Ele queria adotar um velho modelo, o de que você é o condutor de sua vida. De que o mundo é suficientemente maleável para ser formatado por você. Para viver uma vida plena, basta trabalhar duro, ter força de vontade ou tomar melhores decisões.

É mais ou menos assim que muita gente tenta arranjar sua vida hoje em dia, não é? As pessoas tratam a vida como se fosse uma tarefa de casa, um trabalho escolar. Dão uma parada, leem livros de autoajuda como Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes. Aprendem técnicas de autocontrole, estabelecem uma relação com Deus da mesma forma como saem atrás de uma promoção ou de um upgrade na vida: pela conquista. Leem certos livros, vão às missas ou cultos regularmente e praticam a disciplina

espiritual, como rezar periodicamente, como se fosse um trabalho de casa.



Meu pitaco. Dá pra incluir mais coisas aqui, como parte daquele “kit coaching” ou “kit start up” ou “kit empreendedorismo”, como fazer aquelas pausas para meditação,

acordar as 4 da manhã, fazer terapia ou coach. Ouvir podcasts...

Ontem a noite assisti uma luta no UFC. Jon Jones contra Anthony Smith. Eu gosto de usar os exemplos do UFC, pois ali dentro do octógono, durante três ou cinco rounds, ninguém consegue fingir ser o que não é. O sujeito é colocado em modo de sobrevivência, então traz para fora quem é de verdade. Jon Jones está anos luz à frente de Anthony Smith, que era a zebra. E isso ficou evidente. Smith apanhou pra valer nos três primeiros rounds, deixando claro que só um milagre lhe daria a vitória. Extenuado, machucado, num dos intervalos seus treinadores diziam: “Vá lá, mostre quem você é!”. E os comentaristas diziam: “Agora não é mais tática, é só motivação mesmo.”

Anthony foi lá e mostrou quem ele era. Apanhou mais dois rounds e perdeu a luta de forma quase humilhante.

O que é que eu quero dizer com isso? Que as habilidades, o preparo, a força de vontade e, especialmente, a motivação, não são garantias de sucesso. Existe um contexto a ser explorado. E provavelmente obstáculos que são intransponíveis. Querer ir contra eles é queimar recursos, destruir a auto estima. Às vezes é melhor saber quando parar, voltar para a prancheta e encontrar alternativas. No Podsumário O Vale eu falo disso.

Bem, o que é que tem de mau seguir as dicas de auto ajuda, ler uns livrinhos, ouvir as dicas dos gurus? Para Agostinho, nada

disso funcionaria, pois ele acreditava que era impossível mudar gradualmente. Ele concluiu que não dava para levar uma vida boa, plena, usando velhos métodos. A questão é que o método é o problema. O erro fundamental nesse velho método é a crença de que ele pode ser o impulsionador de sua própria jornada. Quanto mais você acredita que está no comando de sua vida, mais se afasta da verdade.

Você não pode liderar a sua vida porque não tem capacidade para isso. A mente é um mundo tão vasto que você não consegue conhecer a si mesmo. Suas emoções são tão instáveis e complexas que você não consegue ordenar sua vida emocional por si mesmo. Seus apetites são tão infinitos que você não consegue

satisfazê-los por si próprio. O impacto da autodecepção é tão profundo que você raramente é honesto consigo mesmo. O mundo é tão complexo, o destino tão incerto, que você não consegue controlar outras pessoas ou o ambiente o suficiente para ser o condutor de seu próprio destino. A razão não tem poder suficiente para que você compreenda o mundo através dela. Sua força de vontade não é forte o suficiente para controlar seus desejos. Se você tivesse todo esse poder, aquelas resoluções de ano novo funcionariam...

O problema, como Agostinho acreditava, é que enquanto você acha que pode organizar sua própria salvação, está reforçando o pecado que o mantém longe

disso. Acreditar que é o mestre de sua vida é incorrer no pecado do orgulho.

Nos dias de hoje, “orgulho” tem conotações positivas, significa sentir-se bem com você mesmo e com as coisas associadas a você. Quando usado negativamente, pensamos nas pessoas arrogantes, egoístas e cheias de pose. Mas isso não é o coração do orgulho, apenas uma das formas como a doença do orgulho se manifesta.

Outra definição do orgulho é construir sua felicidade a partir de suas conquistas, usando seu trabalho como a medida de seu valor. Isso significa que você acredita que pode atingir a plenitude através de seus próprios esforços. E muitas vezes o

orgulho alavanca a vaidade, aquela das pessoas que querem ver sua superioridade refletida nos olhos de outras pessoas e tentam se impor pelo grito, pela pressão.

O paradoxo do orgulho é a combinação da extrema autoconfiança com a extrema ansiedade. Com fome de exaltação, a pessoa orgulhosa tem a tendência de parecer ridícula. O orgulho é instável, pois outras pessoas estão constantemente ameaçando o ego do orgulhoso com menos reverência do que ele acha que merece. Ele sente o orgulho ferido o tempo todo e gasta muita energia tentando provar que é mais feliz do que na verdade é. Basta olhar suas redes sociais.

Agostinho descobriu que a solução para esse problema só viria com uma transformação fundamental: a renúncia à ideia de que ele poderia ser a fonte de solução para seus problemas.

O autor então descreve o momento de epifania de Agostinho quando conversava com um amigo num jardim, e optou pela renúncia radical aos prazeres materiais e imediatos para buscar uma vida mais elevada. O foco do relato então muda da biografia de Agostinho para uma investigação filosófica de sua cristandade. O autor explica que Agostinho não percebia a natureza humana como essencialmente má, mas que sem um direcionamento para Deus, as pessoas permaneceriam inquietas e descontentes. E ao optar pela humildade, ele se livrou da

obrigação de tentar parecer superior todo o tempo.

A lição de acompanhar o processo de transformação de Agostinho nos leva a perceber que ao abandonar o foco em si mesmo, na autoconfiança e na fé de que somos nós os senhores de nossas vidas, passamos a amar coisas diferentes, nos orientamos para outras direções. E isso não acontece simplesmente porque seguimos um outro código moral ou adotamos hábitos diferentes. Acontece porque reordenamos as coisas que amamos e, conforme o próprio Agostinho escreveu, nos tornamos o que amamos.

E chegamos então a uma teoria da motivação diferente. Recapitulando o processo de transformação de Agostinho: ele começa com um mergulho dentro de

si para conhecer a vastidão de seu universo interior. Esse mergulho interno leva para a consciência de uma verdade externa, de um Deus. Isso o leva para a humildade dos que se sentem minúsculos diante do Todo Poderoso, o que o leva a uma postura de se render a Deus, de abrir espaço para receber a graça divina. Surge então uma imensa sensação de gratidão, um desejo de retribuir o amor, de servir. Isso gera energia. Ao longo dos séculos, muita gente se sentiu poderosamente motivada pela perspectiva de servir a Deus, motivação tão poderosa quanto o desejo por dinheiro, fama e poder.

A sacada genial dessa concepção é que quando as pessoas se tornam mais dependentes de Deus, sua capacidade para ambição e ação se amplia. E essa dependência não quer dizer passividade, mas mais energia e realização.

Meu pitaco. Cara, que capítulo difícil de sumarizar. Pela questão filosófica, especialmente. Ficou muita coisa de fora. Olha, quem me acompanha sabe minha posição. Não sou uma pessoa religiosa, embora tenha tido a criação Católica, tipo ir à igreja todo domingo, até os 18 anos. Não desdenho de quem tem fé, não acho que a religião seja um mal, acho que os valores que as religiões nos trazem são fundamentais e não compactuo com os ateus carnívoros que acham que “a religião é ópio do povo”, como dizia o barbudo lá. Não. Me coloco numa posição de respeito e de admiração por quem consegue transcender, como a descrição de Agostinho, e buscar motivação numa força maior e exterior. Eu ainda estou preso em meu eu, achando que sou, sim, capaz de

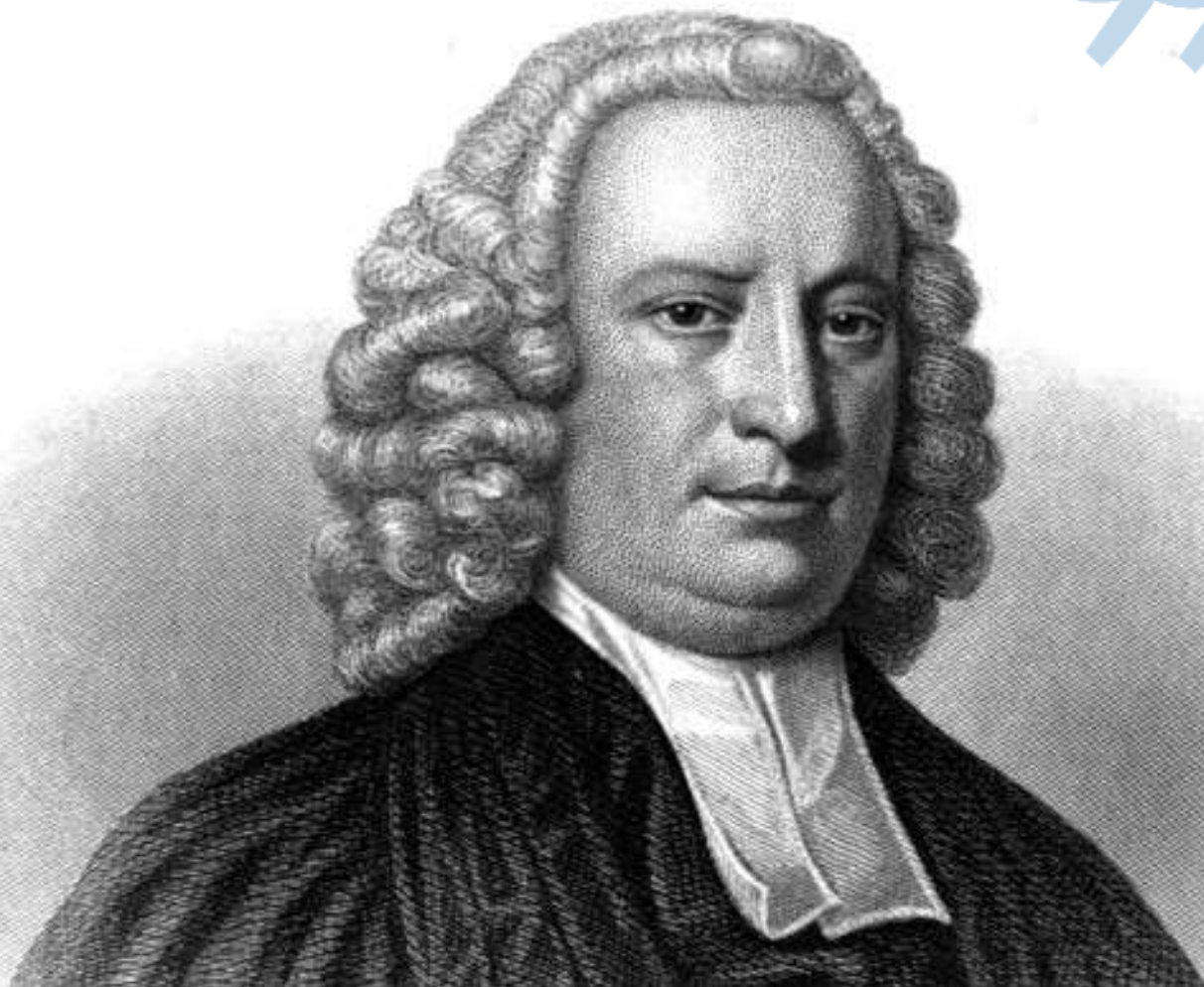
conduzir minha vida. Não cheguei na altura de Santo Agostinho, ainda tenho de estudar um bocado e nem sei se terei tempo para isso.

Mas o mais importante neste capítulo é algo que sempre repito em meus programas quando me encontro diante de relatos que trazem alguma manifestação importante de religiosidade: eu não sei se existe essa força maior, se ela é Deus, Buda, Maomé, Shiva, Iemanjá, Zeus ou seja lá o que for. O que eu sei é que acreditar nessa força, causa impacto nas pessoas, orienta seus atos, dá um norte moral. Portanto não se trata de negar ou combater religiões, mas de reconhecer que a humanidade precisa delas para se inspirar, para passar adiante seus valores, para definir limites morais.

Mesmo que você não acredite em nada disso, o impacto das atitudes dos que acreditam afeta você. Portanto não dá para ficar indiferente.

Augustinho passou boa parte da vida como Bispo, lutando, pregando e escrevendo. Atingiu a imortalidade que buscava na juventude, mas o conseguiu de forma inesperada. Começou acreditando que poderia controlar sua própria vida. Precisou renunciar a essa ideia, mergulhando numa postura de submissão. Depois disso, sentiu-se aberto o suficiente para receber a graça, sentir gratidão e levantar-se. Vida, morte e ressurreição. Mergulhando na dependência para conquistar a grandeza que buscav

CAPÍTULO 9 – O AUTO-EXAME



Neste capítulo o foco é Samuel Johnson, que nasceu na Inglaterra em 1709, de pais que viviam um casamento infeliz. Samuel foi uma criança doentia e enfrentou muitas dificuldades e

enfermidades durante a vida adulta. Sua educação foi severa, focada nos clássicos e utilizando da punição física. No final da vida, falando de sua infância difícil, Samuel escreveu que “A doença produz muito egoísmo. Um homem em sofrimento procura alívio.” O que chama atenção do autor foi a velocidade com que aquela criança pequena, ao descobrir suas diferenças físicas com outras crianças, começou a buscar seu caminho para a independência das limitações físicas que a acompanharam por toda a vida.

Samuel se educou lendo de tudo. Aos nove anos leu Hamlet... O garoto tinha uma memória privilegiada, bastava ler um poema duas vezes para ser capaz de recitá-lo pelo resto da vida.

Meu pitaco. Rarararara foi impossível neste trecho não imaginar hoje em dia uma criança de nove anos lendo Hamlet! É praticamente impossível, não é?

Numa das versões de minha palestra Tudo Bem Se Me Convém, conto a história de Justin, no sábado à noite. Justin é um garoto de 16 anos em diversas épocas da história. Primeiro o Justin no tempo das cavernas. O que fazia um garoto de 16 anos no sábado à noite? O mesmo que nas outras noites. Estava à procura de comida, de abrigo, de água. Eventualmente, de se reproduzir. Então pulo para o Justin no Egito dos Faraós. O que fazia um garoto de 16 anos no sábado à noite? Bem, já havia mais opções. Juntar-se aos amigos, uma aula de alguma coisa, jantar com a família. Chego então ao

Justin de hoje. No sábado à noite ele tem milhares de opções para escolher o que fazer. Pode sair com os amigos, com a namorada, pode ir ao cinema, pode ir jogar bola, num barzinho, pode jogar game, assistir Netflix, jantar com a família, ler um livro, ficar nas redes sociais... A quantidade de opções é algo impensável 100 anos atrás. Que dirá 5.000 ou 40.000... Pense em qual eram as alternativas para o garoto Samuel Johnson em 1718? A eletricidade só chegaria 160 anos mais tarde! Nada de televisão, nada de smartphones, nem videogames, telefones, rádios...nada! Sobrava para a garotada ler, mergulhar nos mundos dos livros. E Samuel fazia isso com a coleção de livros de seu pai. Foram as circunstâncias que estabeleceram essa criação diferenciada de Samuel.

Aos 19 anos, financiado por uma herança, foi para Oxford onde passou por um período de isolamento, dada a diferença de classe social com os outros estudantes. Deu o troco, rebelando-se contra as regras e normas culturais da instituição. E foi em Oxford que ele descobriu o cristianismo e, dentro dele, um Deus que era julgador e austero. O cristianismo não mudou Samuel, fez dele mais do que ele já era, extremamente desconfiado da autocomplacência e rigoroso com as demandas sobre si mesmo. Samuel passaria a vida toda com a sensação de estar sendo julgado por seu Deus, ciente de suas imperfeições e temendo a condenação.

Aos olhos dos historiadores modernos, Samuel sofria de Transtorno Obsessivo

Compulsivo, pois tinha diversos tiques e rituais repetitivos, como contar os passos para entrar numa sala, e se o número não batesse, voltar e contar de novo... Além disso, era grande e feio e sofria de hipocondria e grandes ansiedades, especialmente à noite. Comportava-se como um ogro ao comer, emitia ruídos estranhos, tinha movimentos convulsivos... Olha, se eu for contar todos os problemas que ele tinha, precisarei de um podsumário só para isso.



Mas como para todo chinelo tem um pé, ele casou com Elizabeth Porter, que era vinte anos mais velha.

Quebrou a cara como empreendedor ao tentar abrir uma escola com o dinheiro da esposa, mudou-se para Londres onde foi escritor freelance. E por necessidade, escreveu sobre tudo e teve de sair à cata de trabalho.

Um dos atributos fundamentais de Samuel, conforme o autor, era o altíssimo grau de autocrítica, sendo uma das principais preocupações seu estilo de trabalho irregular. Mesmo assim ele foi um escritor prolífico. E foi através da escrita que ele aprendeu a conviver com sua confusão interna, desenvolvendo no processo uma narrativa coesa de si mesmo e da vida.

Um dos focos da visão de mundo de Samuel era um tipo de filosofia dualista, similar à de Aristóteles, onde os vícios e virtudes viviam em constante tensão. Sua escrita usava essas tensões, contradições e paradoxos para revelar a complexidade do mundo.

Meu pitaco. Sobre essa questão dos vícios e virtudes, eu imediatamente me lembrei de algo que anda acontecendo neste momento, com Woody Allen caindo numa espécie de inferno. Allen é um dos maiores diretores de cinema da história, e com a revelação de uma "obsessão vívida e insistente por garotas e jovens mulheres", ele entrou na mira dos movimentos feministas, caindo numa espécie de lista negra que persegue personalidades. Seu filme

mais recente, por exemplo, deixou de ir para os cinemas pois a Amazon Studios se recusou a distribuí-lo. Woody está deslocando seu trabalho para a Europa, procurando trabalhar longe das pressões de Hollywood. Antes dele, outro diretor genial, Roman Polanski também teve a carreira interrompida após escândalos sexuais. E existem milhares de exemplos de escritores, músicos, pintores, esportistas, cozinheiros, cientistas, gênios que têm um lado obscuro. Um é alcóolatra, o outro pedófilo, um batia na esposa, o outro roubava, um era drogado, o outro quebrava os hotéis... Minha tese é de que quem tem as virtudes de gênio num departamento, tem necessariamente os vícios em outro. É como se a genialidade fosse um motor funcionando em máxima

rotação o tempo todo. É demais para nossa mente, consome todas as reservas de energia moral, fazendo com que nas áreas onde a genialidade não se expressa, os vícios assumam o controle.

Aliás, acaba de estourar, na verdade, ser revivido e ampliado um escândalo que envolve Michael Jackson molestando crianças. E aí? Gênio da música Pop, que fez a trilha sonora de nossas vidas e que amamos, ou pedófilo repulsivo que desprezamos?

O autor revela que muitos dos escritos de Samuel revelam o tipo de reflexão que ele fazia sobre si mesmo. Ele escrevia sobre temas que o assombravam, e os escritos eram tentativas de resolver suas lutas internas, dissecando-as de forma lógica e

analisando-as sob o ponto de vista do realismo moral com o qual ele estava comprometido.

Samuel vivia o que os alemães chamam de *Zerissenheit*: algo como “conflito” ou “condição do que está caindo aos pedaços”. É a perda de coerência interna de quem vive uma vida multitarefa, uma existência que aponta para diversas direções. O filósofo Kierkegaard chamou esse fenômeno de “vertigem da liberdade”. Quando as limitações externas se perdem, quando a pessoa acha que pode fazer o que quiser, quando existem milhares de opções e distrações, a vida perde coerência e direção se não tivermos uma forte estrutura interna.

Samuel também era atormentado por sua imaginação. Nestes tempos pós-

românticos, tendemos a achar que a imaginação é um atributo infantil, inocente, que nos dá criatividade e doces visões. Samuel via a imaginação como algo a ser tão temido quanto valioso. E era no meio da noite que sua imaginação o enchia de terrores e fantasias. Somos todos um pouco como Don Quixotes, lutando contra vilões de nossa imaginação, vivendo de ideias que criamos em vez da realidade como ela realmente é. E Samuel lutava com esses demônios.

Colocou na escrita toda sua energia, e chegou a dizer que “a missão de um escritor é fazer o mundo melhor”.

Muito do nosso caráter hoje em dia é individualista, assim como nossa fala, mas o caráter é formado em comunidade.

Samuel atingiu a maturidade numa época em que a Inglaterra gerou uma infinidade de excelentes escritores, pintores, artistas e intelectuais, de Adam Smith a Edmund Burke. E cada um subiu a barra da qualidade para os outros. Eram heróis intelectuais, não militares. Tentavam ver o mundo claramente, resistindo às vaidades e perversidades. Buscavam uma forma de sabedoria moral, prática, que lhes desse integridade e propósito.

Samuel era uma massa de contradições: preguiçoso e enérgico, agressivo e afetuoso, melancólico e bem-humorado, irracional e sensato, confortado e atormentado pela religião. Ele lutava com esses impulsos como um gladiador no Coliseu de Roma. Escritores não são exatamente conhecidos por seu caráter

moral superlativo, mas Samuel escreveu seu caminho para a virtude.

Samuel era um dualista fervoroso, acreditava que só as tensões, paradoxos e ironias conseguiam capturar a complexidade da vida. E se jogou na vida de Londres, entrevistou prostitutas, dormiu em parques junto a poetas. Ele não acreditava que o conhecimento pudesse ser perseguido como uma experiência solitária. Escreveu que “a felicidade não pode ser encontrada na autocontemplação; ela é percebida somente quando refletida nos outros.”

Buscou o autoconhecimento testando suas observações contra a realidade. “Considero perdido o dia em que não conheço uma nova pessoa”, é uma de suas frases mais conhecidas.

Samuel desconfiava dos sistemas intelectuais que tentavam explicar a vida por meio de estruturas lógicas. Deixava seus interesses vagar sobre a superfície da vida, para onde quer que o levassem, fazendo conexões como um generalista, de um campo para outro. Ele escreveu: “Aquele que fala somente sobre um assunto, ou age em apenas um departamento, é pouco requisitado, e talvez nunca desejado, enquanto o homem com conhecimento generalizado pode frequentemente se beneficiar e sempre agradar”.

Meu pitaco: comecei a pular... Rarararaa essa é a história da minha vida. Quando escolhi entrar no mundo das palestras, conversei com pessoas

e li vários livros com dicas de como construir a carreira. Quase todos diziam: você precisa se tornar um especialista em alguma coisa. Tornar-se uma autoridade em algum segmento. Com o tempo, fui vendo essa recomendação sendo repetida e inclusive em outras áreas, empurrando as pessoas para a especialização. Mas eu jamais me conformei com isso. E acredito que isso tem a ver com a minha formação de cartunista. Veja só: cartunistas dificilmente são especializados numa área. Cartunistas fazem caricaturas da sociedade, tratam de qualquer tema. E para mim, isso é uma vantagem. O que as pessoas recomendavam era que eu fechasse o foco sobre uma área. Que me tornasse o “palestrante de inovação” ou o “palestrante de liderança”. E me

enchiam de exemplos, que hoje estão por aí. Se você quiser um palestrante sobre economia, vai buscar Ricardo Amorim ou o Sardenberg. Se quiser sobre política, procura o Alexandre Garcia ou o William Waak. Se quiser sobre filosofia, procura o Cortella ou o Karnal. E se você reparar, especialmente a turma da filosofia, é muito elástica em seus temas, encaixando-os em qualquer tipo de evento... Eu nunca quis isso. Eu não acredito em fechar o foco. Abracei uma outra visão que foi a das Iscas Intelectuais, em mergulhar não muito profundamente em várias áreas e apresentar as possibilidades para as pessoas. Mais ou menos o que Samuel Johnson acreditava.

É muito mais difícil de vender o meu produto, por não ser focado, mas

assim expando meus mundos, minhas áreas de conhecimento e os segmentos com os quais tenho contato. É uma festa!

Samuel, mesmo escrevendo rápido e por dinheiro, não admitia escrever mal. Ele perseguia o ideal da absoluta honestidade literária. Uma de suas máximas é: “O primeiro passo para a grandeza é ser honesto”. Ele se tornou um grande moralista por causa de suas deficiências, ao compreender que jamais as derrotaria, que sua história não seria a da virtude que derrota o vício. No máximo seria a da virtude que aprende a conviver com o vício, o que o colocou em estado de luta permanente para se tornar forte nos pontos nos quais era fraco. Ele pulava para dentro do sofrimento, fixava-se nele,

dissecava-o e o desarmava parcialmente. Num de seus escritos sobre sofrimento, ele afirma que a maioria das paixões, nos carrega para sua extinção. A fome nos leva a comer e assim a matamos; o medo leva à fuga, que o elimina; o desejo leva ao sexo que o sacia. Mas o sofrimento é diferente, não nos leva à cura. Ele se alimenta de si mesmo. É aquele estado mental quando nossos desejos são fixados no passado, sem olhar para o futuro, um desejo incessante de que as coisas tivessem acontecido de outra forma, um desejo atormentador por algum prazer ou possessão que perdemos. Para Samuel, o sofrimento é uma espécie de ferrugem na alma, que cada nova ideia contribui para eliminar um pouco, portanto o remédio é ocupar-se, exercitar-se, mover-se!

Meu pitaco. Me lembro de ler num livro sensacional chamado O Roubo do Espírito, de Carl Hammerschlag, a história do encontro do autor com uma velhinha num museu. Ele havia perdido o trem e precisou permanecer na cidade. Foi ao museu e, curioso com a disposição de uma velha senhora, ouviu dela que “Os tênis são o segredo da vida”. Ele reparou que a senhora estava usando um par de tênis. “Como assim tênis são o segredo da vida?” ele perguntou. E ela respondeu: “Não dá pra usar tênis sem se movimentar. Eles são desconfortáveis se você ficar parado”.

O segredo da vida são os tênis. Você precisa se manter em movimento para que eles sejam confortáveis. E a conclusão dele é que em vez de ficar permanentemente planejando o

destino, olhe onde você está, curta o momento, e continue se movendo. Ele perdeu o trem e encontrou o segredo da vida... E ele explica: temos no corpo um sistema linfático que é o principal sistema de defesa do organismo. Ele é constituído pelos nódulos linfáticos (linfonodos), uma rede complexa de vasos, responsável por transportar a linfa dos tecidos para o sistema circulatório. Além disso, o sistema linfático possui outras funções como a proteção de células imunes, absorção das gorduras e equilíbrio dos fluidos nos tecidos. É por esse sistema que circulam os anticorpos que combatem os vírus, bactérias e toxinas que nos atacam todo o tempo. E diferente do sistema circulatório, que é bombeado pelo coração, o sistema linfático é ativado pelo movimento muscular. São

seus músculos que ativam seu sistema imunológico! Se você para de se movimentar, torna mais lenta a resposta imunológica. Sacou? Tênis são o segredo da vida!

É claro que Samuel Johnson não sabia disso, mas foi exatamente isso que ele dizia, ao pregar que o movimento, o trabalho, as novas ideias são o segredo para escapar do sofrimento.

A estratégia de Samuel era de que um vício não pode ser combatido substituindo-o por outro, exceto no caso da inveja, que para ele era o pior dos vícios. Ele decidiu trocar a inveja pelo orgulho. Invejar alguém é admitir que somos inferiores... Viveu a vida entre os intelectuais e os ricos, mas também entre os miseráveis. Levava para sua casa

peças que encontrava em situação miserável na rua. E levava para que morassem lá!

Finalizando, Samuel adotou um ponto de vista consistente para sua vida, começando com a consciência da constante presença do egoísmo, autocentralização e o autoengano. Desde a juventude, ele alimentava uma profunda revolta contra a autoridade. Mas voltou aquele espírito rebelde para dentro de si, para o combate aos maus instintos e vícios. Esse autocombate foi seu caminho para a redenção. Ele abraçou a coragem da honestidade, adotou a literatura como arma de combate e a verdade como caminho para combater a escravidão. Tudo era um combate moral, uma oportunidade para melhorar. Já velho, ele

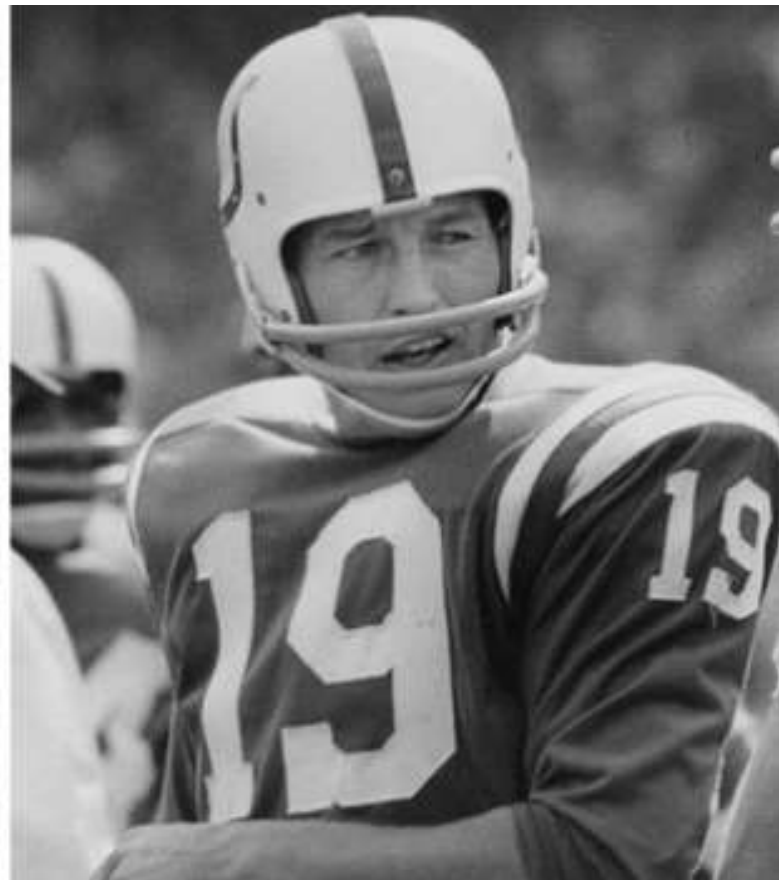
lembrou que seu pai pediu-lhe que cuidasse de uma tenda de livros de sua propriedade. Ele, sentido-se superior a seu pai, se recusou. E agora, depois de velho, atormentado pela vergonha, viajou para aquela cidade, foi até o local onde ficava a tenda de seu pai e ficou horas em pé, na chuva, como uma penitência ao pecado do orgulho que o levou a sofrer com a lembrança daquela recusa a seu pai.

No leito de morte, pediu ao médico que suspendesse o ópio, pois não queria encontrar com Deus num estado de idiotia...

O fundamento para a construção do caráter de Samuel Johnson foi sua capacidade para a compaixão. Sua história começa com o sofrimento físico, a

infância e adolescência desfigurada pelo destino, mas foi bem-sucedido em transformar suas limitações em vantagens, através do trabalho duro. “Lutar contra as dificuldades e conquistá-las, é a maior das felicidades humanas”, escreveu.

CAPÍTULO 10 – O GRANDE EU

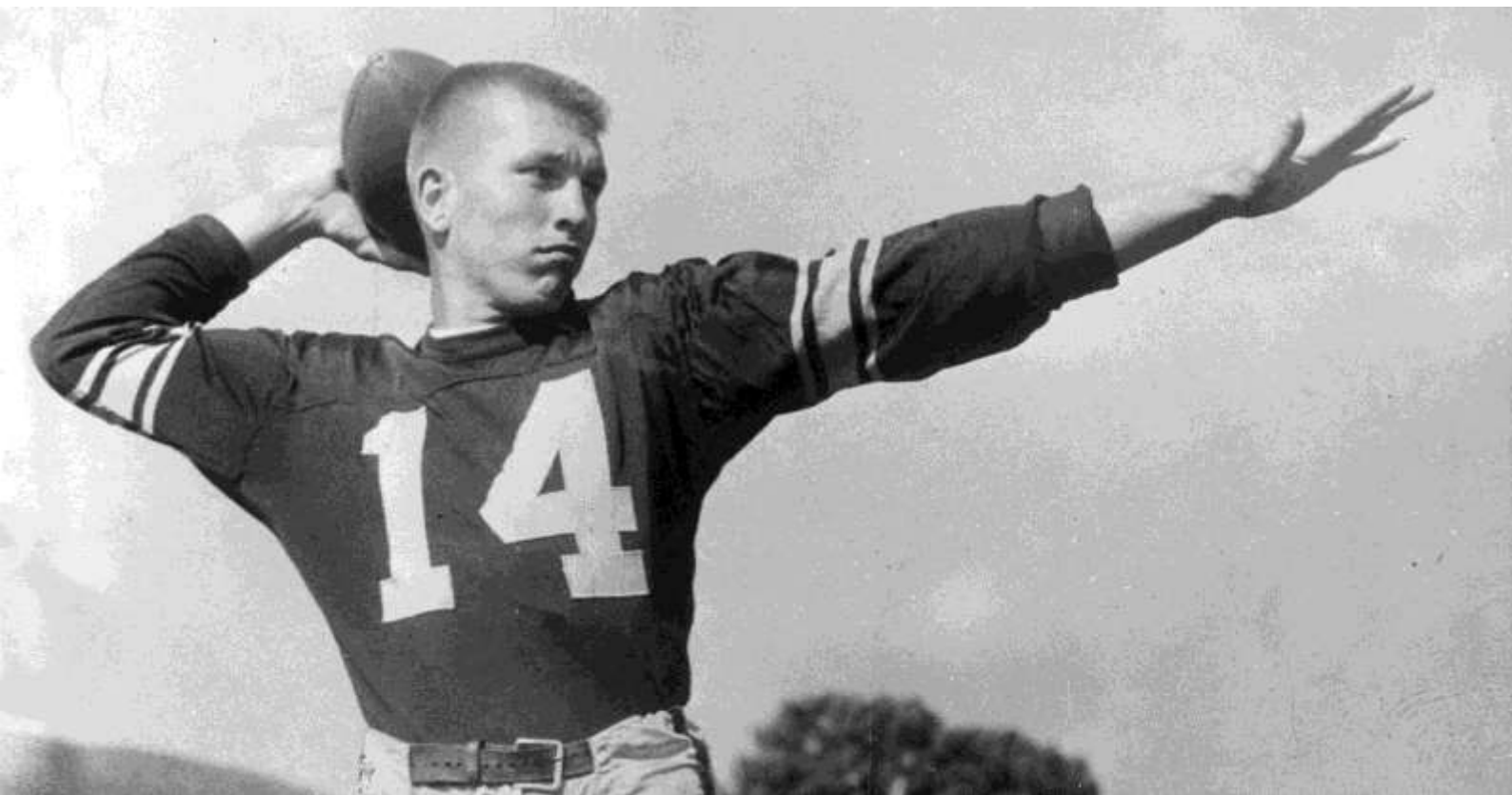


Joe Namath e Johnny Unitas foram dois dos maiores quarterbacks do futebol americano, o jogador que desempenha papel fundamental na armação das jogadas de ataque de sua equipe. O

quarterback é semelhante ao armador no basquete ou o levantador no voleibol. Joe e Johnny cresceram na Pennsylvania e tinham uma diferença de idade de dez anos. O autor compara o desempenho de ambos colocando-os em lados diferentes da mudança cultural que levou a sociedade da autoanulação para o autoengrandecimento.

Johnny nasceu em 1933 e cresceu num ambiente de autoanulação. Seu pai morreu quando ele tinha cinco anos e sua mãe assumiu o negócio de carvão da família, supervisionando o único motorista da empresa. Foi para uma escola católica conservadora, onde os professores eram severos e até cruéis. Parece que isso o ajudou a suportar a dor. Sua carreira começou de maneira incerta, foi

dispensado de diversos times e jogou em outros obscuros. Ele não se tornou uma sensação na NFL, a liga de futebol profissional, da noite para o dia. Foi aos poucos lapidando suas habilidades, amadurecendo, até conseguir uma carreira segura. Mesmo assim, arrumou um emprego modesto que pagava 125 dólares por semana. Era uma figura deliberadamente sem glamour.



Ele e seus colegas viajavam nos ônibus e aviões vestidos de forma parecida, com cortes de cabelos parecidos, jogando bridge

Johnny confiava em suas habilidades como jogador, via o jogo de forma romântica, pensando em como poderia glorificá-lo. Estava lá não pela pontuação, mas pela luta. Johnny, assim como Joe DiMaggio, grande astro do baseball, encarnava um tipo particular de heróis do esporte na época da autoanulação.

Joe Namath nasceu em 1943 e viveu na mesma região de Johnny, mas num universo moral muito diferente. Joe era a estrela brilhante, de sapatos brancos e cabelo esvoaçante, que exalavam vitória. Era divertido e carismático, tornando-se o centro das atenções, um espetáculo

dentro e fora de campo. Usava casacos de pele de 5 mil dólares, longas costeletas e jeito de playboy. E parecia não se importar com o que as pessoas pensavam dele.

Joe Namath foi o precursor de um novo modo de ser dos atletas profissionais, um modelo de marca pessoal, exuberância, autoelogios, no qual a estrela expressa sua personalidade vibrante e ofusca o time.



Culturas mudam de forma tanto superficial quanto profunda. Quando éramos jovens, os cigarros ficavam na frente do balcão, com os preservativos atrás. Hoje os preservativos estão à frente e os cigarros atrás.

Convencionou-se que a mudança do estilo humilde de Johnny Unitas para o exuberante de Joe Namath, aconteceu ao longo dos anos 1960. Primeiro houve a grande geração, composta de gente que não tinha problemas em se autosacrificar, autoanular e tinha a mentalidade voltada para a comunidade. E ao longo dos anos 1960 chegou a geração Baby Boomer, que era narcisista, egoísta e moralmente relaxada. É isso que se diz, mas, conforme o autor, não é o que os fatos mostram.

O que realmente aconteceu seria assim: começando nos tempos bíblicos, havia uma tradição de realismo moral, a velha escola do “pau-que-nasce-torto”. Essa tradição colocava uma tremenda ênfase no pecado e na imperfeição e fraqueza do ser humano. Esse realismo moral encontrou expressão em gente como Samuel Johnson e George Eliot, que colocavam ênfase em nossa pequenez, na dificuldade de buscar o autoconhecimento e como temos de trabalhar duro para encontrar o caminho para a virtude. Eles enfatizavam a limitação de nossa natureza individual.

Ao longo do século 18, o realismo moral encontrou um adversário: o romantismo. Enquanto os realistas morais colocavam ênfase em nossas fraquezas, os

românticos morais, como Jean-Jacques Rousseau, colocavam ênfase em nossa bondade interior. Os realistas desconfiavam do indivíduo e confiavam nas instituições e nos costumes da sociedade. Os românticos confiavam no indivíduo e desconfiavam das convenções sociais. Os realistas acreditavam no cultivar, na civilização e nos costumes, os românticos acreditavam na natureza, no indivíduo e na sinceridade.

Por algum tempo essas duas visões conviveram lado a lado, numa tensão criativa e em contínua conversação. Quem cresceu na primeira metade do século vinte, cresceu com o vocabulário e as categorias do realismo moral, traduzido em práticas seculares e religiões. Frances Perkins cresceu com o vocabulário da

vocação, de suprimir parte de si mesma para ser instrumento de uma causa maior. Eisenhower cresceu com o vocabulário da autoderrota. Dorothy Day aprendeu logo cedo o vocabulário da simplicidade e pobreza. George Marshall aprendeu o pensamento institucional. Randolph e Rustin aprenderam a reticência, a contenção e a lógica da autodisciplina. Esse aprendizado estava no ar que eles respiravam e na maneira como foram criados.

Mas então o realismo moral entrou em colapso. Seu vocabulário e forma de pensar foram esquecidos ou marginalizados. Realismo e romancismo entraram em desequilíbrio, um vocabulário moral foi perdido, e junto com

ele uma metodologia para a formação de almas.

Essa mudança não aconteceu durante os anos 1960 e 70, apesar daquele período ser de grande florescimento do romantismo. A mudança aconteceu durante os anos 1940 e 1950. Foi a chamada Geração Grandiosa, formada pelos indivíduos que cresceram durante a Grande Depressão nos Estados Unidos e depois viveram a Segunda Guerra Mundial, que abandonou o realismo. Terminada a II Guerra, depois de 16 anos de terror e privações, as pessoas estavam prontas para relaxar, curtir a vida. Surge o consumismo, a indústria da propaganda, as traquitanas que facilitavam a vida. Tudo para deixar os horrores da guerra para trás.

Naquele contexto, qualquer livro que oferecesse uma visão mais positiva da vida era devorado e em 1952 o pastor e escritor norte americano Norman Vincent Peale publicou o livro O Poder do Pensamento Positivo, que permaneceu por dois anos no topo da lista de mais vendidos da revista Times, ensinando a todos que se livrassem dos pensamentos negativos e se engajassem nas conversas estimulantes rumo à grandiosidade. Veio então a psicologia humanística de Carl Rogers, que discordava da visão soturna de Freud sobre o inconsciente. Rogers estimulava a superestimação da natureza humana: tudo que o ser humano precisa é de mais amor! Ninguém precisava entrar em luta consigo mesmo, bastava abrir-se para o mundo, liberar seu eu interior... autoamor, autossatisfação, autoaceitação

são os caminhos para a felicidade. A psicologia humanista influenciou todas as escolas, todos os departamentos de RH, todos os currículos, todos os livros de autoajuda. O movimento pela autoestima estava criado. E o que somos hoje, se baseia nessa visão romântica do homem.

Essa mudança de uma cultura moral para outra, não é necessariamente uma história de declínio. Cada clima moral é uma resposta coletiva aos problemas do momento. As pessoas se confrontavam com problemas diferentes nos anos 1950 e 1960, e nessa mudança de sistemas morais, há uma troca em resposta às mudanças nas circunstâncias. Algumas virtudes são cultivadas, algumas crenças vão longe demais e algumas verdades e

virtudes morais importantes caem no esquecimento.

A mudança dos anos 1950 para 1960, que colocaram mais ênfase no orgulho e na autoestima, tiveram muitos efeitos positivos, ajudaram a corrigir muitas injustiças sociais, especialmente nos grupos sociais compostos por mulheres, minorias e pobres, que aprenderam a se valorizar.

Quem nasceu ao longo dos últimos 60 anos, nasceu na cultura da autenticidade, que é baseada na ideia romântica de que todos temos nossa força interna, uma verdade na qual podemos confiar. Nossos instintos pessoais são os melhores guias para perceber o que é certo e o que é

errado. Assim, esse eu interior é para inspirar confiança, jamais dúvidas. Você sente que está fazendo a coisa certa quando se sente bem em seu interior. As regras válidas para a vida são as que você considera que servem para você. É fundamental manter-se fiel a esse seu “eu interior”, sem se submeter às conformidades de um mundo corrupto. Da velha tradição do autocombate para a autoliberação, a autoexpressão. A autoridade moral não está mais em algum bem objetivo externo, mas dentro de cada pessoa. A ênfase é colocada nos sentimentos pessoais como guias para o que é certo e o que é errado. Algo vai mal quando sinto que minha autonomia está ameaçada, quando sinto que não estou sendo verdadeiro comigo mesmo. Dessa forma, o pecado não é encontrado dentro do indivíduo, mas nas estruturas externas

da sociedade. No racismo, na desigualdade e na opressão. Para se tornar uma pessoa melhor, você é estimulado a se amar mais, a ser mais verdadeiro consigo mesmo, a não duvidar de seus instintos e jamais lutar consigo mesmo.

Mudanças econômicas e tecnológicas reforçaram essa mudança cultural:

Primeiro, a comunicação ficou mais rápida e aumentou o volume. Os momentos de calma e reflexão desapareceram. Se sobra um minuto para refletir, pegamos o celular...

Em segundo, as mídias sociais criaram um ambiente informacional de autoreferência. Ficou mais fácil criar um ambiente que nos agrada. Em vez de ser uma criatura periférica no Fantástico aos domingos, podemos ser o centro de nossos sistemas solares de mídia, criando uma rede de programas, aplicativos e páginas orientadas para o que queremos.

Em terceiro, as mídias sociais encorajam uma personalidade midiática. Na verdade, o termo usado no livro é “broadcasting personality”, que seria algo como “personalidade radiodifundida”, mas que não orna com o que o autor quis dizer. Naturalmente buscamos a aprovação e tememos a exclusão social, e as mídias sociais fazem com que gastemos nosso tempo numa luta supercompetitiva por

atenção, por vitória na batalha das curtidas. Nos tornamos pequenos gerentes de marca própria, embalando nosso produto para que pareça o melhor possível.

E assim nos vemos numa sociedade competitiva, gastando cada vez mais tempo, energia e atenção para que o Adão I abra caminho para o sucesso, e menos tempo, energia e atenção no pobre Adão II.

Se as pessoas da época romântica viam o “eu” como algo selvagem a ser domado, as pessoas dos anos 1970 viam um Eden a ser atualizado. Nos dias de hoje, da grande pressão pela meritocracia, vemos nosso “eu” como um recurso a ser

cultivado. Nosso eu, não é mais o repositório para um espírito transcendente, mas um veículo para o capital humano. Nosso eu é definido por nossas missões e conquistas. Agora, tudo é uma questão de talento, não de caráter.

Meu pitaco. Deixe-me recuperar o fôlego... Putz, não tem como passar por esse capítulo sem o tempo todo comparar com as coisas que vivo no dia a dia. Especialmente para mim, que leio uma explicação racional para muitos de meus escritos, para grande parte do que definiu meu trabalho a partir do final dos anos 1990. E o que fica claro na leitura é a ideia de que essa mudança só podia dar nisso que aí está. Mas o mais louco é ver o autor explicando e dizendo que isso que aí

está não é necessariamente ruim, mas uma resposta aos problemas deste tempo. Eu acho que esse tipo de argumento é muito fácil de ser assimilado por quem tem 20, 30, até quarenta anos. Mas para quem tem 60, fica complicado engolir que o que aí está não é pior do que o que havia antes. Evidentemente, me refiro ao aspecto moral. E que bombardeio! Para onde você olha, está escrito FAMA! FAMA! FAMA! Você tem de ser como o Neymar e a namorada dele, você tem de ser como o Pablo Vittar, que não está nem aí com o mundo, se acha foda e ainda ganha dinheiro. E a coisa chega no cúmulo quando um sujeito no limite da alfabetização pega um celular e uma internet ruim e, lá do fim do mundo, mostrando uma realidade que ninguém quer viver, mostrando seu dia

a dia feio, pobre, desconfortável, passa a ter dezenas de milhões de seguidores e se transforma em ícone nacional. Sem que qualquer traço de seu caráter tenha contribuído para essa adoração. Cara, Adão I ganhou...

Qualquer ambiente ultracompetitivo baseado no mérito faz com que as pessoas pensem cada vez mais sobre si mesmas e no cultivo de suas habilidades. O trabalho passa a ser o aspecto definidor de nossas vidas, especialmente pela aprovação social. Cada encontro, cada festa, cada reunião transforma-se numa oportunidade para avançar em seu status e na vida profissional. As pessoas passam a pensar cada vez mais em categorias comerciais, no custo das oportunidades,

na escalabilidade, no capital humano e nas análises de custo x benefício.

O significado do termo “caráter”, muda. Não descreve mais atributos como abnegação, generosidade, auto sacrifício e qualidades que não estão necessariamente atreladas à noção de sucesso de Adão I. Em vez disso, passa a descrever traços como autocontrole, coragem, resiliência e tenacidade, atributos, esses sim, ligados a nosso conceito mundano de sucesso.

O sistema meritocrático quer que você confie em si mesmo, que seja grande, que acredite que merece muito e vá atrás desse muito. Ele quer que você propagueie você mesmo, que mostre e

exagere suas conquistas. A máquina de recompensa premia se você demonstrar superioridade, se por sua postura, gestos, roupas, conseguir mostrar que é um pouco mais esperto, antenado, sofisticado, famoso do que as pessoas em torno de você. Para isso você formata sua humanidade para torna-la mais aerodinâmica. Seu tempo e comprometerimentos morais são cuidadosamente controlados. As coisas que antes eram feitas de forma romântica, como um encontro casual, agora são encaradas de forma profissional. O que é que essa pessoa, oportunidade ou experiência tem para me oferecer? Não há mais tempo para ser desperdiçado com amor e paixão.

E o medo de perder as oportunidades?

A mudança da cultura do “pequeno eu” para o “grande eu” não foi ilegítima, mas parece ter ido longe demais. A tradição realista que enfatizou nossas limitações e a luta moral, foi marginalizada, deixada de lado, primeiro pelo florescimento romântico da psicologia positivista, depois para o caráter de autopromoção das mídias sociais e por fim, pelas pressões da meritocracia.

Vivemos numa cultura na qual as pessoas são definidas por suas habilidades externas e conquistas, como se a vida acontecesse numa progressão natural, para a frente e para cima, rumo ao sucesso. Uma cultura que encoraja o “dá pro gasto”, sem exigir o total comprometimento com qualquer tarefa.

Essa tradição nos diz como fazer as coisas que nos levarão ao sucesso, mas não nos encoraja a perguntar por que as fazemos. Nos tornamos gente em busca da aprovação, medindo nosso sucesso pela quantidade de elogios.

É Adão I na veia.

O amor condicional

Crianças e jovens são rodeados de tantos elogios que acabam desenvolvendo expectativas altíssimas para si mesmos. Eles não são criados, são atiçados. Recebem comida, abrigo e aplausos. Uma pesquisa da Ernest & Young mostrou que 65% dos estudantes

universitários norte americanos esperam se tornar milionários. Nos anos 1950 os pais queriam que seus filhos fossem obedientes. Hoje querem que eles pensem por si próprios. O desejo pela obediência não desapareceu, o mundo que ele habita, do sistema de regras e ensino é que foi soterrado pelo mundo da aprovação e da desaprovação. O mundo que cria o amor condicional, que acaba gerando nas crianças o medo de que não exista mais um amor seguro, aquele que cria um ambiente onde as crianças e jovens podem ser completamente honestos, comportarem-se como si próprios. E algumas crianças assumem que esse amor condicionado ao mérito é a ordem natural do universo. Cresce a pressão de que é preciso comportar-se de determinada forma para ser digno do

amor de outra pessoa. Caso contrário, vem a perda.

O resultado desse ambiente cultural, tecnológico e meritocrático é que nos tornamos menos moralmente articulados. Perdemos as referências sobre o certo e o errado, sobre a construção do caráter, não temos mais uma forma rigorosa de pensar sobre as coisas. Somos claros sobre as coisas externas, do mundo profissional, mas absolutamente obscuros sobre as coisas internas, morais. O que os vitorianos eram para o sexo, nós somos para o moral: tudo é encoberto por eufemismos.

Nos tornamos mais materialistas, individualistas, desconfiados, menos

empáticos. Somos constantemente provocados a desenvolver nossa própria visão de mundo. E as questões morais ficam em segundo plano ou simplesmente desaparecem diante da incapacidade das pessoas de articular o que é moral. Escolhas morais passam a ser apenas uma questão do que a pessoa sente que é o certo, e os julgamentos morais passam a ser baseados nos sentimentos de cada um. E então você se torna um relativista. E como o juiz final é o seu eu interior e não qualquer tipo de norma social, torna-se individualista.

O espaço mental um dia ocupado pela luta moral, agora é ocupado pela luta pelo sucesso.

Adão I na veia.

Muitos de nós reconhecemos que o sistema social do qual fazemos parte nos faz viver uma vida externa insuficiente. A vida de Adão I. A questão é como escapar dessa armadilha.

O autor diz que a resposta deve ser juntar-se a uma contracultura. Viver uma vida decente, mas não perder de vista a alma. É preciso reconhecer que as forças que nos encorajam para nos tornamos o grande eu, embora necessárias e libertadoras, foram longe demais. Perdemos o equilíbrio. É preciso recuperar o equilíbrio entre Adão I e Adão II e reconhecer que, no final das contas, Adão II é mais importante que Adão I.

Cada clima moral de uma época é a resposta coletiva que damos aos problemas do momento, e é isso que dá forma às pessoas que vivem sob esse clima. Se você se comporta conforme as regras, recebe sorrisos e elogios. Mas existem os rebeldes, os críticos e os transgressores. Durante as últimas décadas construímos uma espécie de ecologia moral que aumentou o narcisismo e o autoengrandecimento. Talvez seja hora de recuperar o que deixamos de lado, a tradição do realismo moral para buscar a resposta para algumas questões cruciais: Em direção de que devo orientar minha vida? Quem sou eu e qual minha natureza? Como moldo minha natureza para me tornar melhor a cada dia? Que virtudes são as mais importantes para cultivar e quais

fraquezas devo temer mais? Como educar meus filhos com um senso real de quem eles são e um conjunto de ideias práticas de como navegar na trilha para o caráter?

O autor então apresenta um resumo das ideias do livro, sob a forma de um Código da Humildade:

1. Não vivemos para a felicidade, vivemos para a santidade. É a velha luta pelo prazer imediato contra a luta por um propósito.
2. Essa primeira proposição define nosso objetivo de vida. O longo caminho para o caráter começa entendendo nossa natureza, que somos criaturas falhas.

3. Apesar de sermos criaturas falhas, somos esplendidamente dotados. Pecamos, mas temos a capacidade de reconhecer o pecado. Conseguimos lutar conosco mesmos.

4. Na luta contra nossas fraquezas, a humildade é a maior das virtudes.

5. O orgulho é o vício central. Ele nos cega para a realidade de nossa natureza dividida, nos impede de ver nossas fraquezas e nos faz achar que somos melhores do que somos.

6. Uma vez que as necessidades básicas para sobrevivência estiverem satisfeitas, a luta contra o pecado e pela virtude é o drama central de nossas vidas.

7. Nosso caráter é construído durante nossos confrontos internos. Caráter é um conjunto de disposições, desejos e

hábitos que são lentamente esculpido durante nossa luta interna contra nossas fraquezas.

8. As coisas que nos desviam da rota são de curto prazo: luxúria, medo, vaidade, gula. As coisas que esculpem o caráter são de longo prazo: coragem, honestidade, humildade.

9. Ninguém consegue obter o autodomínio por conta própria. Força de vontade, razão, compaixão e caráter não são suficientemente fortes para derrotar o egoísmo, o orgulho, a inveja. É preciso ajuda externa, seja ela Deus, a família, ancestrais, regras, tradições, instituições ou exemplos.

10. Em última análise, somos salvos pela graça, que chega na forma do amor dos amigos ou da família, na ajuda inesperada de um estranho, ou através de Deus. E a

mensagem é sempre a mesma: você é aceito.

11. Derrotar as fraquezas geralmente significa aquietar seu eu interior. Só reduzindo o som de seu ego é possível enxergar o mundo com clareza.

12. A sabedoria começa com a modéstia do conhecimento. O mundo é complexo demais e nosso repertório racional é muito pequeno. Precisamos nos manter céticos diante de raciocínios abstratos ou quando tentamos aplicar regras universais em diferentes contextos. A pessoa humilde compreende que a experiência é um professor melhor que a razão pura. Por isso respeita e utiliza o conhecimento acumulado dos que vieram antes.

13. Uma vida boa não é possível a menos que organizada em torno de uma vocação. E a vocação não é encontrada

olhando para dentro de si em busca de sua paixão, mas olhando para fora e perguntando o que é que a vida quer de nós.

14. Os melhores líderes tentam liderar usando a natureza humana, e não lutando contra ela. Eles sabem que somos imperfeitos, por isso preferem pequenas e estáveis atitudes a grandes atos heroicos. Eles constroem fundações.

15. Quem luta com sucesso contra as fraquezas e o pecado, pode ou não se tornar rico e famoso, mas se tornará maduro. E maturidade não é comparativa, não é obtida sendo melhor que os outros, mas sendo melhor do que você era antes.

Cada uma das histórias de vida contadas neste livro começou com uma profunda vulnerabilidade, e precisou do esforço de uma vida para transcender aquela vulnerabilidade. Cada personagem lutou contra suas fraquezas e usou seus problemas para desenvolver sua força. Cada um, a seu modo, viajou até o vale da humildade para depois escalar até as alturas da tranquilidade e do autorrespeito.

A grande sacada deste livro é que ele mostra que ter defeitos é normal, todo mundo tem. O pecado e as limitações estarão presentes em todos os momentos em nossas vidas, e a beleza da vida está em reconhecer nossos tropeços e tentar ser melhor sempre. É preciso ver nossa natureza imperfeita, nossos erros e

fraquezas com honestidade, que é o oposto do melindre. Quando reconhecemos que fizemos uma bobagem e sentimos a gravidade de nossas limitações, nos sentimos desafiados diante de um obstáculo a ser transposto.

Meu pitaco. Esse é um modo de vida que tenho tentado adotar sempre: o obstáculo está ali para ser ultrapassado. É um desafio a ser vencido, não uma barreira para nos fazer desistir. Estou neste momento me preparando para vencer mais um deles, o desafio do marketing digital, estudando, experimentando, treinando, para me tornar independente na compra de mídias digitais e para compreender as dinâmicas de cada rede e assim tornar mais eficiente a distribuição

de meu trabalho. Aos 62 anos, em vez de reclamar e procurar quem sabe fazer, decidi aprender mais um pouco. E consigo saborear já a satisfação que terei lá na frente quando dominar os processos. Acho engraçado quando estou palestrando ou conversando com pessoas bem mais jovens e elas me dizem “pô, Luciano, meu pai tem sua idade e não sabe nem limpar a caixa postal do celular”... pois é. O que mais conheço é gente da minha idade que, diante da tecnologia, dos novos processos, escolhe se recolher, como que diante de uma muralha intransponível. Eu já quero escalá-la e essa é a forma que encontrei há muitos anos de me tornar cada dia melhor que no dia anterior.

Cada luta deixa uma marca, um resíduo. E quem passa pelas lutas, sai delas com mais substância e profundidade. E como numa espécie de alquimia mágica, cada pequena vitória transforma uma fraqueza em alegria, que é subproduto da experiência de quem está mirando em outra coisa.

Há alegria numa vida repleta de interdependência com outras pessoas, cheia de gratidão, reverência e admiração. Há alegria em escolher livremente obedecer a outras pessoas e ideias, com comprometimentos maiores que nós mesmos. Há alegria na sensação de aceitação, de saber que mesmo que você não mereça o amor de alguém, alguém ama você. Que você foi aceito na vida de alguém. Há alegria quando

equilibramos Adão I com Adão II, quando nossa natureza moral e as habilidades que aprendemos estão unidas numa mesma direção.

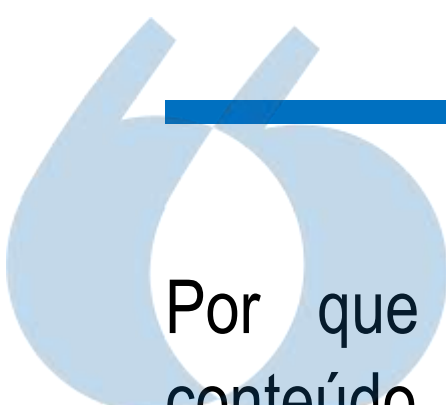
A felicidade não é produzida porque outros elogiam você. A felicidade surge de forma espontânea, sem ser forçada, naqueles momentos em que descobrimos por que estamos aqui e agora, e a qual verdade servimos.

Meu pitaco pra encerrar este podsumário. Meu, que porrada. Que livro delicioso. É certo que muita gente não conseguirá se livrar daquele preconceito com o passado, de achar que o autor é um velho conservador no sentido reacionário. Uma pena.

Escrever este podsumário me levou constantemente ao podsumário 12 Regras para a Vida, de Jordan Peterson, que se soma às ideias de David Brooks para nos mostrar que existe uma forma inteligente, honesta e eficaz de enfrentar a vida. E não é quebrando tudo que está aí, mas respeitando as instituições que já existiam antes que nascêssemos e trabalhando para aperfeiçoá-las, num processo de evolução, de correção de rumos, para entregar a nossos filhos um mundo melhor do que aquele que recebemos. E isso não é possível quando deixamos que nossos valores morais fiquem em segundo plano diante das pressões sociais para o sucesso. Olha, muito obrigado a você que assina o Café Brasil Premium. É por sua causa que eu me vejo no

compromisso de sumarizar um livro como este. E a cada podsumário, saio maior e melhor do que entrei.

O CAMINHO PARA O CARÁTER. É um livro fascinante, especialmente se você gosta de biografias. A descrição que o autor faz das histórias de cada personagem é minuciosa, traz detalhes ricos de como era a vida no período em que cada um deles viveu, e mostra claramente como os atributos de caráter permanecem os mesmos, independente da evolução tecnológica.

A large, light blue graphic of an opening quotation mark is positioned on the left side of the page, partially overlapping the text.

Por que “podsumário”? Porque este conteúdo é mais que um sumário. Foi criado a partir da experiência dos Podbooks, audiolivros que trazem, além do conteúdo original do livro, comentários do autor. No caso dos podsumários, que os assinantes do Café Brasil Premium recebem nas versões em PDF e em áudio, os comentários são meus, apresentados sempre que eu anunciar o “meu pitaco”.

A intenção deste podsumário é tratar de temas relacionados ao exercício da liderança e do empreendedorismo. Os livros que aqui abordo, quando lançamos

este podsumário, normalmente ainda não foram publicados em português. A ideia é antecipar para você conceitos inovadores que uma hora destas chegarão por aqui.

Este sumário não tem nenhuma associação nem é endossado pela editora ou pelo(s) autor(es) do livro original, nem tem a intenção de ocupar o lugar do livro. Este podsumário é apenas um guia com reflexões de Luciano Pires sobre o conteúdo original. Inclui citações e ideias originais do livro em tradução livre, com a intenção de educar e informar sobre temas diversos em discussão na sociedade.

Só lembrando: você pagou para ter acesso a este conteúdo por acreditar que existe valor nele. Este podsumário é seu, faça o que quiser com ele, mas lembre-se:

se você o enviar a outras pessoas, não estará remunerando quem trabalhou para que este conteúdo valioso chegue até você.

O livro sumarizado neste podsumário tem 320 páginas e é vendido na Amazon nas versões papel, por R\$ 60,24 e Kindle, por R\$ 46,39. Você pode comprá-lo aqui: <https://amzn.to/2BrT2xp>

Como sempre, recomendo a você intensamente que compre o livro, pois isto é só um sumário, que deixa de fora muitas coisas importantes.

Compre-o aqui: <https://amzn.to/3xk62iv>

Você recebeu este podsumário por fazer parte do Café Brasil Premium. De onde veio este, tem muito mais. Acesse www.cafebrasilpremium.com.br